

ANAIS DE EVENTO

XVI WORLD GYMNAESTRADA BRAZILIAN SCIENTIFIC MOMENT 07 A 13 DE JULHO DE 2019 DORNBIRN, AUSTRIA

A Ginástica para Todos (GPT) é uma prática em que os fundamentos das ginásticas -artística, rítmica, acrobática, aeróbica e de trampolim- se entrelaçam com variadas manifestações e expressões corporais, tais como dança, folclore, jogos e outros.

Sugere-se que os princípios do trabalho na GPT sigam 4F's, ou seja, o ensino dos fundamentos ginásticos embebidos pelo fun (diversão), fitness (condicionamento físico) e friendship (amizade/relações entre os pares).

Com característica essencialmente não-competitiva, a GPT favorece a participação do maior número de pessoas possível, de variadas idades, biótipos corporais, nível técnico, dentre outros. Usualmente, os grupos de GPT sistematizam suas vivências por meio de composições coreográficas, nos quais são bastante valorizadas a criatividade em relação à utilização de elementos corporais, materiais, música e rítmico e há a preocupação de demonstrar em seus espetáculos aspectos da cultura local, regional ou nacional.

O maior evento oficial de GPT da Federação Internacional de Ginástica (FIG) é a World Gymnaestrada (Ginastrada Mundial), realizada quadrienalmente desde 1953 em algum país europeu. Em 2019, a XVI World Gymnaestrada aconteceu na cidade de Dornbirn, na Áustria, e contou com a participação de 66 nações e 18.032 participantes. O Brasil foi representado por meio da participação de 603 brasileiros, de 24 diferentes grupos de GPT, advindos de oito estados do país.

Em 2015, o Comitê Local da WG e FIG propuseram um espaço "aberto" aos participantes, intitulado "Speaker Corner". Na ocasião, o Comitê Técnico de Ginástica para Todos da Confederação Brasileira de Ginástica (CTGPT/CBG) em parceria com o Prof. Dr. Maurício Oliveira (Universidade Federal do Espírito Santo), organizaram um momento com apresentações de trabalhos (formato pôster) que permitiu o diálogo de profissionais da área.

Em 2019, pela primeira vez na história da World Gymnaestrada, o Brasil realizou um evento científico próprio - o Momento Científico Brasileiro -, que reuniu pesquisadores que discutiram sobre GPT nas temáticas: Organizações Não-Governamentais; Formação Profissional; Festivais; Prática a diferentes faixas etárias. O resultado foi a apresentação de 21 trabalhos científicos. Tal feito foi possível pela aprovação e apoio do Comitê de Ginástica para Todos da FIG, especialmente ao Prof. Dr. Marco Antônio Coelho Bortoleto e ao Comitê Local da XVI World Gymnaestrada.

No entanto, atentos a necessária divulgação das pesquisas, o CTGPT/CBG consolidou a parceria com os organizadores do VIII Congresso Brasileiro de Ginástica para Todos - sobretudo por meio do Grupo Cignus liderado pela Profa. Dnda Michelle Ferreira de Oliveira (Universidade Estadual de Goiás) para que os resumos fossem publicados nos Anais do referido evento. E, ainda, efetivamos a parceria com a Revista Movimenta, periódico científico interdisciplinar da área de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Goiás, para divulgação no formato de artigo completo dos trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores brasileiros. Celebramos assim, a maior visibilidade de acesso e ampliação da possibilidade de discussão da nossa temática.

O Comitê Técnico de Ginástica para Todos da Confederação Brasileira de Ginástica (CTGPT/CBG) agradece a Revista Movimenta pela oportunidade de divulgação nesta edição, em especial, da produção científica de alguns dos trabalhos completos da XVI World Gymnaestrada- Brazilian Scientific Moment.



**Comitê Técnico de Ginástica para
Todos da Confederação Brasileira de
Ginástica**

**Michele V. Carbinatto
Suzana B. Thomas
Adriana M. W. Stadnik**



**DO PREPARO À APRESENTAÇÃO COREOGRÁFICA EM FESTIVAIS DE GINÁSTICA:
ANÁLISE DOS CAMINHOS TRAÇADOS POR UM GRUPO DE GINÁSTICA PARA TODOS
FROM PREPARATION TO THE CHOREOGRAPHIC PRESENTATION IN GYMNASTICS
FESTIVALS: ANALYSIS OF THE PATHWAYS OF A GYMNASTICS FOR ALL GROUP**

Tamiris Lima Patrício¹, Mellina Souza Batista¹, Nayana Ribeiro Henrique¹, Lorena Nabanete dos Reis Furtado¹, Michele Viviene Carbinatto¹

1- Universidade de São Paulo (USP) - Grupo de Estudos e Pesquisa em Ginástica-
GYMNUSP/EEFE/USP

E-mail: tamirislma90@hotmail.com

RESUMO

No universo que abrange as práticas gímnicas, os festivais de Ginástica para Todos (GPT) se caracterizam como os de apresentações com composições coreográficas em que os fundamentos das ginásticas estão em evidência e é possível identificarmos elementos das modalidades gímnicas sistematizadas. Dentre as temáticas abordadas nos estudos sobre eventos esportivos estão as experiências dos participantes. O objetivo deste estudo é apresentar as experiências de um grupo adulto de GPT da preparação às apresentações coreográficas em dois festivais de GPT. A coleta de dados incluiu observações participantes em 16 encontros preparatórios e na participação do referido grupo nos eventos bem como um Grupo Focal no final de toda experiência. A análise narrativa indicou dois resultados: a. Superar-se: do processo à apresentação; b. Superar-se em conjunto: tornar-se comunidade. Percebemos que as experiências positivas relatadas pelas ginastas sobre os festivais estavam intimamente relacionadas ao processo, ou seja, a forma como se preparam para tal.

Palavras-chave: Ginástica; Ensino; Educação; Processo; Educação Física e Treinamento

Órgão Financiador de parte da pesquisa- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

ABSTRACT

In the universe that include gymnastic practices, Gymnastics for All (GfA) festivals are characterized as those where presentations with choreographic compositions in which the fundamentals of gymnastics are in evidence and where it is possible to identify elements of systematized gymnastics disciplines. Among the themes addressed in the event studies are the participants' experiences. Therefore, the purpose of this article is to present the

experiences of an adult GfA group from preparation to choreographic composition presentation in two different gymnastic festivals. Data collection included 16 participant observations from the training sessions and the two festivals and a focus group took in the end of the experience. The narrative analysis indicated two results: a. Overcome: from process to presentation; B. Overcome together: becoming a community. We noticed that the positive experiences reported by the gymnasts about the festivals was totally related to the process, it means, the way they prepare themselves to participate in festivals.

Keywords: Gymnastics; Teaching; Education; Physical Education and Training.

INTRODUÇÃO

O corpo em movimento sempre foi uma das principais temáticas da expressão humana. As artes rupestres, por exemplo, são representadas por pessoas dançando, jogando, plantando, colhendo, movendo-se! Na Antiguidade Clássica, mais precisamente com os gregos, o corpo em movimento ganha notoriedade com o estabelecimento dos Jogos Olímpicos e, as modalidades e competições esportivas transpassavam as disputas, pois, estavam enraizadas na vida social dos indivíduos. Não por menos, nos Tempos Modernos, os jogos e atividades corporais foram base para construções culturais, sociais e econômicas¹.

Atualmente, os esportes são conceituados como um conjunto de práticas corporais regidos por regras e/ou costumes e, com frequência, apresentam o conflito e a competição como um dos objetivos principais. Submersos por valores do mercado e capital, por vezes perdem seus princípios iniciais – como a promoção da vida ativa; saúde; cooperação e participação² e, paulatinamente, a participação voluntária foi substituída por arranjos contratuais e o consumo esportivo em massa¹.

As mudanças ocorridas na forma de entender e conceber o esporte refletiram-se nos eventos envoltos no mesmo. Atendendo aos objetivos de cada época e sociedade, os eventos são considerados momentos de celebração e, normalmente, são pautados em alguma temática e/ou possuem uma variedade de significados e perspectivas dependentes de interesses pessoal, social, cultural e econômico³.

Os estudos na área de eventos despertam interesse por diversos campos acadêmicos (Sociologia, Economia, Política, Esporte, Geografia, Turismo, Psicologia, etc.) e diferentes vieses, tais como: planejamento e gestão; experiência e significados; evento modelo; criação de capital social e cultural, dentre outros^{3,4,5}. No âmbito da Pedagogia de Esporte, os eventos chamam a atenção acerca da participação esportiva, apresentando alguns modelos os quais propõem adequações do propósito do praticante (em toda sua carreira) com os desígnios dos diferentes eventos esportivos^{6,7,8}.

Dentre os possíveis eventos estão os Festivais Esportivos, foco desse trabalho. Cada vez mais comum e presentes nos novos modelos de participação esportiva como possibilidade de iniciação, de treinamento, ou de experimentação, os festivais se caracterizam por amenizar a competição institucionalizada/regulamentada, sendo flexíveis a diferentes propósitos ^{6,9}.

Yazici e colaboradores (2016), apontam que os festivais esportivos são ótimos “laboratórios” de pesquisa, uma vez que são recheados de interações sociais, experiências não-comuns à rotina, envolvimento prático com o esporte e, portanto, diferentes emoções. Os autores nos mostram que existem poucas análises que esclarecem sobre o tipo de experiência que satisfazem os participantes dentro do contexto de eventos esportivos. Ademais, a percepção de um atleta sobre a experiência vivida em eventos esportivos pode influenciar positiva ou negativamente no desenvolvimento de sua prática. Neste sentido, Leonardo e colaboradores (2017) indicam que os formatos dos eventos e as intenções sobrepostas sobre eles podem afetar a trajetória esportiva escolhida pelo jovem.

No universo que abrange as práticas gímnicas, os eventos ginásticos sofreram diversas influências, tais como os de interesses militares, competições em Jogos Olímpicos e festivais com intuítos políticos^{11,12}. Entre o leque de possibilidades no campo da Ginástica, percebemos que é na Ginástica para Todos, prática reconhecida por sua característica majoritariamente não-competitiva e inclusiva, que os festivais esportivos têm se demonstrado como uma importante referência para sua expansão e promoção, uma vez que atendem a muitos objetivos da prática tais como sociabilização, oportunidade de demonstração, espaços de aprendizagem e trocas de ideias¹³.

Os festivais de GPT se caracterizam como os de apresentações com fundo musical de composições coreográficas em que os fundamentos das ginásticas estão em evidência e é possível identificarmos elementos das modalidades gímnicas sistematizadas – ginástica artística, rítmica, acrobática, aeróbica, trampolim, parkour – e outras manifestações da cultura corporal como dança, jogos, lutas¹¹. Ademais, é comum o uso de diferentes materiais, tais como os oficiais das competições de ginástica, complementares de ambiente e/ou treino de ginástica, adaptados e/ou construídos para a prática¹⁴. Normalmente os festivais têm cerca de duas horas de duração com apresentações contínuas e ininterruptas de coreografias, sem uma avaliação sistematizada e ranking entre os participantes.

Então, ficou-nos a curiosidade: Quais experiências são percebidas por um grupo de Ginástica para Todos em Festivais Ginásticos? Tais vivências influenciam a prática cotidiana? Como? Portanto, o objetivo deste artigo será apresentar a percepção das

experiências de um grupo de GPT da preparação até a apresentação em festivais ginásticos com diferentes abrangências, um local e um internacional.

MÉTODOS

Esta pesquisa primou pela metodologia qualitativa. Como coleta de dados, utilizou-se a observação participante (OP) e a técnica do Grupo Focal (GF) de um grupo de Ginástica para Todos no processo de preparação para dois eventos distintos - um internacional e um local.

As observações foram sistematizadas e ocorreram nas 16 sessões da elaboração da coreografia e as respectivas apresentações no Fórum Internacional de Ginástica para Todos (Sesc/Campinas/SP), ocorrido em outubro de 2018 e o Festival Gymnusp (EEFE/USP/São Paulo/SP) em novembro de 2018.

A OP sucede pelo contato direto de uma das pesquisadoras com o fenômeno observado que, sendo parte da realidade investigada, estabelece relações com os sujeitos que participaram da vivência em comum. Dessa forma, foi possível captar uma variedade de conjunturas que não poderiam ser conseguidas somente por declarações em entrevistas ou questionários¹⁵.

Para Minayo (2011), quanto maior for o período do observador com o grupo estudado, maiores serão as oportunidades de adequação (se necessário) e reconhecimento social para as finalidades interpretativas. Assim, quanto mais familiarizado o pesquisador estiver com a linguagem do coletivo, mais próximo à realidade das descrições, permitindo o entendimento de significados, ações e acesso ao universo íntimo de expressões faciais e corporais, os quais proporcionaram interpretações das comunicações não verbais.

Desta forma, o grupo observado foi o "Grupo Ginástico Atenas", formado por mulheres adultas (entre 18 e 65 anos) que praticam Ginástica Para Todos desde 2016. O grupo participou dos dois festivais supra anunciados com a apresentação de uma mesma coreografia elaborada de forma coletiva. É importante mencionar que o processo coreográfico pode apontar a linha metodológica do grupo - em que todos os participantes são motivados a dar opinião e sugestão - uma vez que a prática não possui um código que regulamenta técnicas e elementos ginásticos específicos para eventos, possibilitando uma liberdade para investir nas habilidades corporais que os ginastas são aptos a apresentar, por exemplo.

Portanto, o grupo optou pelo método de "construção coletiva" de suas coreografias de forma em que a mediadora, subsidiada pela experiência prévia e pelos princípios do Grupo Ginástico Unicamp (GGU) que, pautados em Maturana e Rezepka

(1995), prioriza a formação humana, criando condições que orientem e apoiem as ginastas a refletir sobre as ações gímnicas, respeitando as individualidades e, principalmente, o coletivo¹⁷.

Os encontros foram programados quinzenalmente com a intenção da participação nos dois festivais já anunciados. Tais eventos se mostraram como fatores de motivação para a construção da nova coreografia, tendo em vista que existia datas pré-estabelecidas para a preparação, escolha da música, do figurino e dos materiais.

Para validação dos dados observados durante os encontros e nos dois festivais, optamos pelo uso do "Diário de Campo". Procedimento que consiste em registrar momentos específicos das observações, dos comentários e das reflexões do pesquisador. Este instrumento "facilita criar o hábito de observar com atenção, descrever com precisão e refletir sobre os acontecimentos de um dia de trabalho" (FALKEMBAC, s.d., p. 1).

Os Diários nos auxiliaram na sistematização e detalhamento dos ocorridos. Portanto, especificamos os horários e os locais, além da divisão recomendada por Falkembac (s.d): **a.** descrição; **b.** interpretação do observado; **c.** registro das conclusões preliminares. A autora considera também o uso de outros recursos, tais como, desenhos, vídeos, fotografias e recortes, que permitam informações relevantes sobre os objetivos da observação. Por isso, recolhemos também os documentos dos eventos (folders, anúncios, e-mails) bem como fotografamos, não somente a participação do Grupo, como também as estruturas e demais situações passíveis de informações.

Para além da Observação Participante, optamos pela realização da técnica do Grupo Focal com algumas integrantes. O objetivo foi reuni-las para conversar sobre detalhes da participação do grupo nos dois eventos, a partir do diálogo e do debate com e entre elas ¹⁹.

Desta forma, o GF foi realizado por duas pesquisadoras, uma delas desempenhou a função de mediadora e a outra as funções de relatora e operadora de gravação. Essas foram capacitadas para realizar tais atribuições e tinham conhecimento acerca dos objetivos da pesquisa.

Para este estudo, foi elaborado um roteiro de perguntas com questões chaves no sentido de orientar a mediadora para a obtenção das informações e estimular o debate entre as participantes do grupo a partir da temática proposta. De forma sintética o roteiro mencionado dividiu-se em 4 momentos: 1. Apresentação e aproximação das participantes; 2. Questões chaves acerca da experiência das integrantes no grupo; 3. A participação do grupo em dois festivais de GPT distintos; 4. Comentários, agradecimentos e encerramento da dinâmica.

Conforme a literatura especializada o número de sujeitos para a realização da técnica pode variar entre quatro a 10 e quatro a 12 pessoas^{19, 20}. Destarte, o GF foi composto por quatro integrantes do Grupo que participaram e se apresentaram nos dois festivais.

Segundo Meier e Kudlowiez (2003) o local de coleta deve ser neutro, livre de ruídos, possibilitando a gravação das falas, sem interferências. Portanto, pensamos na organização do espaço físico e uma disposição para que as participantes tivessem uma melhor interação e se sentissem estimuladas a participar da conversa em grupo.

Dispostas em círculo e em um ambiente silencioso a mediadora iniciou explicando a dinâmica do GF. Em seguida exibiu um vídeo das apresentações coreográficas do grupo nos festivais em que elas participaram. O vídeo foi a forma encontrada para aproximar as participantes e deixá-las mais à vontade, além de ter funcionado como um disparador para a discussão.

De acordo com as orientações do roteiro, a mediadora deu sequência com questões chaves, em um primeiro momento, acerca dos encontros quinzenais e informações sobre a dinâmica do grupo, passando então, para o segundo momento, com perguntas direcionadas às experiências nos dois festivais. Por fim, as participantes fizeram comentários sobre algo que lembraram e as pesquisadoras agradeceram e encerraram a atividade.

Além das perguntas, a pesquisadora que desempenhou as funções de observadora e relatora anotou as percepções referentes ao comportamento, expressões, emoções e convergências ou divergências de ideias entre elas. Todo o material obtido no GF como gravação de áudio, vídeo e anotações foram autorizados pelas participantes.

Para a análise de dados, Minayo (2001) sugere a utilização de categorias, procedimento no qual pode ser empregado em diversas análises de pesquisas qualitativas, com a finalidade de agrupar ideias e elementos, estabelecendo classificações. No GF, análise pode ser sistematizada de acordo com os objetivos da pesquisa, de forma coerente em que os dados sejam consistentes²². Optamos neste estudo pela análise narrativa, na qual sugere-se que seja realizada a leitura e releitura do material obtido no intuito de organizar as informações que serão transformadas em textos de pesquisa. É indicado que o pesquisador tematize os textos de campos coletados, estruturando os discursos dos participantes de acordo com as temáticas recorrentes que emergiram nos debates²³.

Desta forma, os dados gravados foram transcritos e, em seguida, foram realizadas as leituras e releituras destes materiais. Na sequência, o procedimento de tratamento dos

dados consistiu em estruturar os discursos dos participantes em grandes temáticas. Estas foram organizadas a partir das discussões realizadas no GF, na qual foi possível agrupá-las de acordo com os pontos mais relevantes e recorrentes.

Após análises, foram definidas duas narrativas: a. Superar-se: do processo à apresentação; b. Superar-se em conjunto: tornar-se comunidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A. Superar-se: do processo à apresentação.

Em meio ao universo gímnico em âmbito nacional, as modalidades que recorrentemente são apresentadas pela mídia é a Ginástica Artística e a Ginástica Rítmica de alto rendimento. Os eventos como os Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos – principais momentos em que essas modalidades são televisionadas, podem aproximar essas práticas da população e, por outro lado, podem provocar medo e afastamento, principalmente por adultos, uma vez que as habilidades técnicas exigidas e exibidas pelos atletas parecem ser impossíveis para amadores.

O problema é que o universo gímnico não se basta a esses heróis olímpicos, muito menos às competições divulgadas pela mídia. A Ginástica para Todos e os Festivais Ginásticos, por exemplo, fazem parte deste universo ginástico de modo quase inverso ao cenário acima descrito.

Rompendo alguns paradigmas tradicionais dos eventos esportivos, a GPT tem em sua essência a prática pela prática, pelo bem-estar físico e não por conquistas de prêmios. Isso se deve ao fato de que não existe um regulamento que diferencie categorias por idade ou nível técnico, como também não delimitam quais elementos obrigatórios devem compor as coreografias. Desta forma, mesmo que hoje já existam festivais com características avaliativas, a GPT permanece sendo possível para todos, independentemente da idade, gênero, habilidade ou etnia. Portanto, entendemos aqui que a GPT, por tais características singulares e envoltas a uma universalização do “fazer ginástica”, transforma-se em uma importante prática de disseminação do universo gímnico.

Neste sentido, uma das temáticas encontradas em nossas análises nos revelou que a “superação pessoal” foi um ponto importante entre os membros do Grupo aqui estudado. A ginástica parecia ser uma realidade distante e impossível para essas mulheres, até compreenderem que dentro das possibilidades corporais de cada uma, era possível praticá-la.

Lua- Para mim é ótimo! Porque na minha idade 55 anos, então a gente acha “ah não sou capaz! Ah não!” Mas eu me deslumbro muito! Eu acho tudo lindo! Tudo maravilhoso...

Lourdes- estou desde o início e assim a experiência é bem legal pra gente né? Quando a gente montou o grupo, era bem grande, e a gente foi se organizando e a gente pensava será que a gente vai da conta?

Isabela- No dia do experimento acrobático que a gente foi na casa dela, a gente conseguiu fazer um monte de coisa que nem imaginava! Nossa a gente fez um monte de coisas e foi bem legal aquele dia! E é uma coisa nova pra gente né?

O reconhecimento das características da GPT foi sendo compartilhado durante os encontros, momentos em que a mediadora do grupo trazia os fundamentos básicos das ginásticas. O Grupo foi entendendo as possibilidades de participação, encontrando a noção estética e os movimentos seguros possíveis para as habilidades corporais de cada membro.

Isabela- É a gente teve algumas dificuldades até de movimento, porque é novo e a habilidade também, tinha umas coisas de abaixar aí dava dor nas costas, a gente montou uma pirâmide, eu mesma fiquei com dor nas costas, no final, no dia nem senti ninguém nas minhas costas. Mas teve a adaptação também! E a adaptação foi legal porque ninguém ficou falando “pô! Você não consegue!” Não! Ninguém recriminou ninguém! Isso é legal! Pelo menos no nosso grupo!

Neste discurso identificamos dois subtemas importantes dentro da categoria de superação pessoal: 1) a motivação em melhorar o movimento; 2) apoio do grupo para tal conquista – tema que será discutido na categoria a seguir. De acordo com Nista-Piccolo (1998), a ginástica encanta quem pratica pela sensação de poder dominar o corpo, desafiar-se e tentar diversas acrobacias, proporcionando um prazer motivacional. O prazer pode estar associado a uma motivação intrínseca, proporcionando momentos de bem-estar durante a atividade praticada. Quando se pratica sem a intenção de recompensas externas, maior pode ser a motivação interna, a autorrealização direcionada para novas metas por consequência das conquistas cotidianas. Da mesma forma sucede com o grau de complexidade dos exercícios, que se tornam desafiadores para serem executados com melhor qualidade técnica ²⁵.

Como o processo metodológico escolhido pelo grupo foi baseado na formação humana e na construção coletiva da coreografia¹⁷, notamos que as participantes incorporaram o discurso acolhedor, em que todos deveriam respeitar o tempo e a habilidade de aprendizagem de cada uma. Destarte, os diários de campo foram recorrentes em elencar situações como a indicada no GF.

Ao serem questionadas sobre a participação delas nos eventos, recorrentemente citou-se essa superação durante o processo e, mais precisamente com a preocupação em continuar “se superando” para futuras apresentações. Neste viés, nota-se que os festivais esportivos foram, nitidamente, motivadores as ginastas.

Nas observações durante os dois eventos, percebeu-se que as ginastas estavam atentas às habilidades motoras dos outros grupos. Elas puderam ver as possibilidades de aprender e aplicar novos elementos, ao mesmo tempo em que percebiam que para isso, os treinos (encontros) deveriam ser repensados para atender tais expectativas:

Isabela- Isso depende de nós, porque tem que começar a ter uma rotina, que seja uma vez por mês, e não deixar para se reunir só na época de um determinado evento e fazer a coreografia, não pensando no evento, mas pensando em nós, a hora que tiver um evento “ah legal” a gente já tem uma coreografia, um figurino...não precisa sair correndo. E a gente não precisa se reunir só para ensaiar e fazer uma coreografia, a gente precisa se encontrar pra aprender, como se fosse uma atividade física, a gente viria aqui aprender, a gente faz um exercício, para aprender, a gente até aprendeu umas poses legais...

É importante mencionar que o ponto de partida da criação deste grupo e a sua continuidade se deu pela possibilidade de participação e apresentação no Fórum Internacional de Ginástica Para Todos, em 2016. Assim, os eventos se mostraram como um foco, uma data, um ponto motivacional para que os encontros e a organização coreográfica acontecessem.

Estar frente a frente com o público também foi percebido como uma superação, uma possibilidade de fazer algo diferente do cotidiano e que parecia distante:

Lourdes- Eu pelo menos sinto um orgulho! Porque não é qualquer pessoa que tem coragem de ir lá e apresentar para um público! É diferente, porque eu sou professora de Educação infantil, eu enfrento público, mas é um público pequenininho, agora você vai lá, é um público adulto, as pessoas estão julgando estão vendo! Então é diferente! E aí eu penso “poxa! Que legal né?” E eu me lembro de quando era pequena eu gostava dessa parte de ver as pessoas se apresentarem e eu não tinha coragem! Eu era tímida (risos) eu não tinha coragem de ir, mas ao mesmo tempo eu gostava! Eu queria! Então isso acabou ajudando!

Mariana- Acho que todo mundo tem essa borboleta na barriga, por mais que para mim seja tipo “mais fácil” em comparado ao Jazz que me exige mais técnica, sempre me da um medinho!

Lua- Da aquele friozinho na barriga gostoso, mas quando acaba eu falo “ah eu quero mais”. Então sinceramente eu curto muito e é muito importante para mim!

Interessante indicar que os festivais não possuíam caráter avaliativo, porém, mesmo assim a superação se mostrou também na preocupação em não errar e, portanto, fazer o seu melhor:

Isabela- Falando do dia desse evento, eu fiquei muito nervosa na marcação do palco lá! Eu achei que fosse uma coisa mais demorada, que a gente teria tempo para passar, e aí foi muito rápido e eu erre! Aí eu fiquei o dia inteiro com medo de errar! Na hora da coreografia me deu branco! Mas com a música parece que foi meio automático e acabei não errando! E foi muito legal!

Por fim, tanto o GF quanto os diários da OP confirmaram que participar de eventos ajuda no processo de superação pessoal pois, estes momentos auxiliam a acostumar-se, a habituar-se com o momento da apresentação e, assim, melhorar a prática:

Lourdes- Começaram a levar a gente para uma apresentação do festival do Cultura, então a gente chegou a ir em teatro! Nunca imaginei subir no palco do teatro (risos) então a gente vai acostumando, e o bom é que lá a gente não enxerga ninguém, mas lógico que vai melhorando!

Tal fato reforça a necessidade de oferecermos e permitirmos aos praticantes – de qualquer que seja o esporte- a participarem de diferentes tipos e formatos de eventos.

B. Superar em conjunto: Tornar-se comunidade

Retomando a narrativa da ginasta Isabela: "foi legal porque ninguém ficou falando "pô! Você não consegue!" Não! Ninguém recriminou ninguém! Isso é legal! Pelo menos no nosso grupo!", percebemos que para a efetivação da superação individual discutida no tópico anterior, as interações sociais foram fundamentais neste processo até a apresentação.

Atividades relativizadas como socialmente positivas, ou seja, as que atendem ao bem-estar de outras pessoas (cooperação, generosidade, dentre outros) podem prover sentimentos de empatia e simpatia. O Altruísmo é considerado um desses constructos pró-sociais de motivação interna, isto é, o sujeito atua voluntariamente, sem objetivos de recompensas, visando o benefício de outros. Neste sentido, podemos conjecturar que a vivência em situações cooperativas pode favorecer comportamentos pró-sociais, induzindo os sujeitos ativos nessas atividades a se relacionarem de forma positiva às necessidades das outras pessoas²⁶.

Menegaldo (2018) realizou um estudo sobre as particularidades da Ginástica para Todos e a sua relação direta com a noção da coletividade. Um de seus referenciais teóricos Richard Sennett (2012), apresenta que o ato de cooperar pode ser entendido como uma atitude de troca beneficente para os indivíduos que cooperam entre si. Em

meio aos preceitos praxiológicos da prática “fica evidente o fértil espaço oferecido pela GPT no que tange seu potencial coletivo, diferindo-a de outras práticas corporais coletivas esportivizadas e de rendimento, colocando-a, assim, na contramão das tendências do processo de individualização da sociedade” (MENEGALDO, 2018, p.138)

Portanto, submersas a uma metodologia cooperativa durante os encontros e, também nas participações nos festivais, as integrantes tinham sua motivação em melhorar pelo coletivo, ou seja, o grupo deveria ser capaz de superar alguns obstáculos de maneira unida e respeitosa.

Mariana- É uma experiência muito boa, porque eu sempre estive no Jazz e é muito diferente. Não sei explicar, é sobre os movimentos, porque na ginástica é um pouco diferente, que as vezes no jazz tem umas questões de rivalidade, aqui não! Uma ajuda a outra, nas poses, e ficamos livres para dar ideias para complementar a coreografia.

Isabela- Eu entrei esse ano e nossa eu adorei! Adorei as pessoas, é como a Ma falou, é uma para ajudar a outra e não tem limitação, então é bem legal me encontrei muito no grupo.

Para atingir um espaço cooperativo, de ajuda e respeito, foi preciso trabalhar alguns valores entre as integrantes. Um desses valores mencionados e observados foi o “Comprometimento” como podemos observar nas narrativas:

Mariana- [...] não precisa saber dançar ou alguma coisa para entrar...porque a gente vai investir no que você sabe, que não precisa ser super mega bom, mas que tenha compromisso! Comprometimento e alegria! Não dá pra vir forçada!

Lourdes- Porque a gente tem as coisas em casa também, e a gente tinha que reservar aquele tempo, certinho, mas aí se torna um compromisso, e tem que se organizar para não ficar faltando. [...] Porque isso é muito importante! Sem compromisso acaba com o grupo, acaba com os ensaios, com as ideias!

Lua- Porque as vezes tem parte da coreografia que precisa da pessoa e a pessoa não vem, você deixa de ensaiar aquele pedaço por causa da pessoa!

Valores sociais podem representar parte de um sistema que podemos chamar de “motivação social”, orientando e promovendo os comportamentos e interações ao longo de um processo de socialização, ou seja, as ações cooperativas dos participantes para favorecerem um alcance do mesmo objetivo ^{26, 27}.

Além do comprometimento, foi anunciado valores acerca do “Companheirismo”. Foi possível perceber que a convivência durante o processo e nos longos períodos juntas durante os dois eventos, aproximou as integrantes de forma mais amistosa e familiar.

Mariana- Gosto do momento de comer! É porque esses momentos são bem legais também, não é a questão de comer, [...] é porque é nesse momento a gente conversa

não só do grupo, mas de outras coisas, por exemplo estou convivendo mais com ela (Isabela) e eu já considero ela como minha mãe e aí vai convivendo e é legal!

Na mesma direção, tais momentos refletiram nas atitudes colaborativas do grupo, uma vez que elas se conheceram melhor e, dessa forma, entenderam algumas atitudes e situações distintas com mais paciência.

Isabela- E é legal se conhecer porque a gente começa a aceitar as pessoas, começa até aceitar o erro, ou o jeito errado de fazer, melhor conhecer do que julgar, porque quando você conhece você fala "Ah beleza!"

Lourdes- A gente já conhece sabe quando está "bravinha".

Mariana- É a gente tem intimidade! E não leva para o pessoal!

Portanto, para o grupo conseguir a superação do coletivo durante o processo até os momentos das apresentações foi necessário o "tornar-se comunidade". O "pertencimento" surgiu como um elemento importante para a construção dessa coletividade ²⁷. Para Weber (2009), a constituição de comunidade se dá na solidariedade sentida pelos participantes por meio de relações afetivas e pelo compartilhamento de tradições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O verbete "ginástica" é comumente encontrado em diferentes discursos tais como sinônimo de Educação Física, prática esportiva ou até mesmo como exercício físico.³⁰ Os Jogos Olímpicos intensificaram a ginástica como prática esportivizada, com treinamentos metódicos e referentes aos regulamentos institucionais, fortalecendo sua aparição midiática como esporte de competição, diferenciando e se afastando dos princípios originais das escolas ginásticas.¹²

A Ginástica para Todos vem contribuindo na contramão desses discursos esportivos. Sua característica pluralista e inclusiva permite que diferentes corpos possam experimentar e vivenciar os elementos ginásticos, superando os padrões de "corpomáquina" e a visão positivista encarada nos esportes de alto rendimento.³⁰

Pelo mesmo caminho ideológico vemos os festivais esportivos como possibilidades outras de vivenciar determinado esporte, oferecendo espaços únicos de prática, momentos de experimentações, trocas e congregações, devido as possíveis mudanças nos regulamentos federativos conforme o objetivo do evento ^{6, 7, 8, 9, 13}. Porém, nossa pesquisa confirmou que – apenas- o evento em si não basta. Percebemos que a experiência positiva relatada pelas ginastas sobre os festivais estava totalmente relacionada ao processo, ou seja, a forma como se preparam.

A opção por estudar um grupo composto por mulheres adultas, nos permitiu observar a quebra sobre alguns valores pré-concebidos ao universo que tange a

ginástica. A superação pessoal diz respeito não somente ao desafiar-se, mas também o rompimento de alguns paradigmas sobre a prática e sobre apresentar-se na idade adulta.

Apesar dos festivais terem sido considerados como uma meta ou uma motivação da continuidade da prática, observamos que tal participação resultou em momentos de aprendizagem - espaços de trocas com outros grupos e a possibilidade de conhecer outros movimentos e ideias para futuras composições; como também, as longas horas em conjunto, proporcionou espaços de fortalecimento do sentimento de pertença ao grupo, do tornar-se comunidade.

Uma das limitações deste estudo foi a opção por observar e entrevistar, apenas, um grupo em meio a tantos outros em contexto nacional e, por este motivo, não podemos generalizar. Porém, nossos resultados trazem indicativos sobre a importância em refletirmos sobre o processo e preparo de uma equipe/grupo para a participação em um evento. Inclusive, talvez esse processo seja muito mais importante do que a premissa por traz do evento em si!

REFERÊNCIAS

- 1- Schimmel, K. Os Grandes eventos esportivos: Desafios e perspectivas. Belo Horizonte: Casa da Educação Física/CEAv-Unicamp, 2003.
2. Moreira, W.W; Inforsato, C.F; Fiorante, F. Esportes, Educação Física e Pensamento Científico: contribuições para humanismo. In: Silva, J. V.P; Silva, L.L.Gonçalves-; Moreira, W.W. Educação Física e seus Diversos Olhares. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2016.
- 3- Getz, D. Event studies. Theory, research and policy for planned events. Routledge, London and New York, 2012.
- 4- Getz, D. The nature and scope of festival studies. International Journal of Event Management Research. V.5. Number 1, 2010.
- 5- Morgan, M. Festival Spaces and the Visitor Experience. In: Casado-Diaz, Maria, Everett, Sally and Wilson, Julie, eds. Social and Cultural Change: Making Space(s) for Leisure and Tourism. Eastbourne, UK: Lesiure Studies Association, pp. 113-130, 2007
- 6- Côté, J., Strachan, L, Fraser-Thomas, J. Participation, personal development, and performance through youth sport. In: HOLT, N. L. (ed) Positive Youth Development Through Sport. Londres: Routledge, 2008.
- 7- Côté, J.; Hay, J. Children is Involvement in Sport. In: Psychological foundations of sport. Boston, MA: Allyn & Bacon, 2002.
- 8- Côté, J. The influence of the family in the development of talent in Sport. The sport psychologist, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

- 9- Leonardo, L; Galatti, L.R; Scaglia, A.J. Disposições preliminares sobre um modelo de participação competitiva para jovens e o papel do treinador. In: Gonzalez, R.H; Machado, M.M.T. *Pedagogia do Esporte: novas tendências*. ISBN. Fortaleza- CE:2017
- 10- Yazici, T; Koçak, S; Hürmeriç A, I. Examining the effect of experiential marketing on behavioral intentions in a festival with a specific sport event. *European Sport Management Quarterly*. 1-22. 10.1080/16184742.2016.1247903.2016
- 11- Patricio, T.L; Bortoleto, M.A.C; Carbinatto, M.V. Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: reflexões gerais. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, (São Paulo)* 2016 Jan-Mar; 30(1):199-216.
- 12- Soares, CL.S. Notas sobre a educação do corpo. *Educar*, Curitiba, n. 16, p. 43-60. 2000. Editora da UFPR.
- 13- Patricio, T.L; Bortoleto, M.A.C. Festivais ginásticos: princípios formativos na visão de especialistas. *Conexões: Educação Física, Esporte E Saúde*. Campinas; v. 13 (Esp.) p. 98-114, 2015.
- 14- Bratfische, S.A; Carbinatto, M.V. Inovação e Criação de Materiais: Em busca da originalidade na Ginástica para Todos. In, Miranda, R.C.F; Ehrenberg. M.C; Bratfische, S.A. *Temas Emergentes em Ginástica para Todos*. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2016.
- 15- Minayo, M.C.S; Deslandes, S.F; Gomes, R. *Pesquisa social: Teorias, métodos e criatividade*. 31ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- 16- Maturana, H; Rezepka, S.N. *Formacion humana y capacitación*. Santiago, Dolmen, 1995.
- 17- Paoliello, E; Toledo, E; Ayoub, E; Bortoleto, M.A.C; Graner, L.P. *Grupo Ginástico Unicamp 25 anos*. 1. ed. Campinas: UNICAMP, 2014. v. 1. 288p.
- 18- Falkembach, E. M. F. *Diário de Campo: um instrumento de reflexão*. *Revista Contexto/Educação*, Ijuí, 1987, Unijuí, v. 7, s.d.
- 19- Neto, O.C; Moreira, M.R.; Sucena, L.F.M. Grupos focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. *SER SOCIAL, Revista da UNB*, Brasília, 2002.
- 20- Gondim, S.M.G-. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Revista Padéia*, v. 12, n. 24, 2003.
- 21- Meier, M.J; Kudlowiez, S. Grupo focal: uma experiência singular. *Texto & contexto enferm*, v. 12, n. 3, p. 394-399, 2003.
- 22- Gatti, B.A. *Grupo Focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Brasília – DF: Líber Livro, Série Pesquisa em Educação, 2005.

- 23- Clandinin, D.J; Connelly, F. M. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.
- 24- Nista-Piccolo, V.L. Crescendo com a ginástica. In: Congresso Latino Americano de Educação Motora, 1. Foz do Iguaçu, 1998. Anais. Foz do Iguaçu, [s.ed.], 1998. p.35-41
- 25- Carbinatto, M.V., Chaves, A.V., Moreira, T.A.R., Nunomura, M. Pedagogia do esporte e motivação: discussão à luz da opinião de ginastas. Revista Brasileira De Educação Física E Esporte, 31(2), 433-446. 2017.
- 26- Palmieri, M.W.A; Branco, A.U. Cooperação, Competição e Individualismo em uma Perspectiva Sócio-cultural Construtivista. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2004, 17(2), pp.189-198.
- 27- Menegaldo, F.R. Ginástica para Todos: Por uma noção de coletividade. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- 28- Sennett, R. Juntos: Os rituais, os prazeres e a política da cooperação. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- 29- Weber, M. Conceitos sociológicos fundamentais. São Paulo: Edições 70, 2009.
- 30- Carbinatto, M.V; Bortoleto, M.A.C. Ginástica para Todos: Princípios para a prática. In: Silva, J. V.P; Silva, L.L. Gonçalves-; Moreira, W.W. Educação Física e seus Diversos Olhares. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2016.

**OS DESAFIOS FINANCEIROS DE UM GRUPO GINÁSTICO PARA PARTICIPAÇÃO
EM EVENTO INTERNACIONAL
FINANCIAL CHALLENGES OF A GYM GROUP FOR PARTICIPATION IN
INTERNATIONAL EVENTS**

Horrana Patyeli de Souza¹, Lohany Cristina do Nascimento Gomes¹,
Wilmont de Moura Martins¹, Michelle Ferreira de Oliveira¹

1- Universidade Estadual de Goiás - ESEFFEGO

E-mail: horrana.patyeli@gmail.com

RESUMO

A Ginástica para Todos no Brasil e no mundo, tem dois eventos promovidos por suas Federações oficiais: o GymBrasil e a Gymnaestrada Mundial, respectivamente. O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma pesquisa documental, com foco na participação no evento internacional, a partir dos documentos oficiais de um Grupo Ginástico da região central do Brasil, especificamente do Estado de Goiás. Conclui-se que, a estrutura organizacional atual do grupo ocorreu em virtude do processo vivenciado no ano de 2015 e suas implicações nas prestações de contas pelos seus coordenadores junto a receita federal, além da nova estrutura permitir a criação de uma conta bancária jurídica, possibilitar transparência na prestação de contas junto a receita federal do país, possibilita a busca por outros tipos de financiamento.

Palavras-chave: GPT, fomento, institucionalização, financiamento.

ABSTRACT

Gymnastics for All in Brazil and in the world, has two events promoted by its official Federations: GymBrasil and Gymnaestrada Mundial, respectively. This paper aims to present a documentary research, focusing on the participation in the international event, from the official documents of a Gymnastic Group of central Brazil, specifically from the State of Goiás. It is concluded that, the current organizational structure of the This group occurred due to the process experienced in 2015 and its implications on the rendering of accounts by its coordinators with the federal revenue, in addition to the new structure allowing the creation of a legal bank account, allowing transparency in the rendering of accounts with the federal revenue of the state. country, enables the search for other types of financing.

Keywords: GFA, fomentation, institutionalization, financing.

INTRODUÇÃO

A Ginástica para Todos (GPT) no Brasil ainda é uma modalidade pouco conhecida, em especial, em regiões mais centrais do país como, por exemplo, no Centro-Oeste brasileiro. Embora sejam reconhecidos esforços nessas regiões como os eventos/congressos¹ que ocorrem para a difusão da proposta, dos grupos de extensão vinculados às Universidades públicas, ao se buscar financiamentos externos para grupos ginásticos, ainda há lacunas a serem preenchidas sobre o assunto.

A priori é importante compreender que há algumas questões pertinentes a essa prática que, em determinados momentos, no processo de captação de recursos, pode vir a ser um item de dificuldade, tais como: ser uma prática não competitiva, não possuir classificação/ranking, ter um perfil democrático^{2, 3, 4, 5}. Em geral, os possíveis patrocinadores, buscam a visibilidade em investimentos como esses.

Como modalidade da Federação Internacional de Ginástica (FIG)⁶ e, conseqüentemente, da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG)⁷, há eventos específicos propostos por essas duas entidades, a saber: a Gymnaestrada Mundial, pela FIG e o Festival Gym Brasil pela CBG. Em ambos os casos, os participantes inscritos efetuam pagamentos de inscrição. No caso da Gymnaestrada Mundial, envolvem outros gastos financeiros como: passagens aéreas (as edições ocorrem de quatro em quatro anos em países europeus)⁸, hospedagem, alimentação. Destaque que, todo o gasto financeiro é convertido de euros para reais, ou seja, a depender da cotação, o gasto para participação brasileira em um evento como esse, pode chegar até a quatro vezes e meia o valor pago por um participante europeu.

Nessa perspectiva, para a participação de grupos brasileiros, os mesmos precisam ter uma organização financeira para que possam efetivar sua participação. Visto as dificuldades econômico sociais do cenário brasileiro, o objetivo do presente trabalho é apresentar o relato da experiência de um grupo ginástico, que participou das últimas duas edições da Gymnaestrada Mundial – 2015 em Helsinque na Finlândia¹ e em 2019 em Dornbirn na Áustria⁹.

Justificamos a importância desse trabalho, uma vez que não há nenhum registro nacional de grupos que tenham apresentado os caminhos trilhados via trabalho científico; além disso, esse trabalho pode auxiliar outros grupos que tenham a pretensão de se estruturar e organizar para participação em eventos nacionais e internacionais de GPT.

CONSTRUÇÃO METODOLÓGICA

A presente pesquisa tem sua fundamentação na abordagem qualitativa, que segundo Negrine¹⁰ o pressuposto científico é manipular as informações recolhidas, descrevendo-as e discutindo os dados achados.

Realizamos uma pesquisa documental que “permite a investigação de determinada problemática não em sua interação imediata, mas de forma indireta, por meio do estudo dos documentos que são produzidos pelo homem e por isso revelam o seu modo de ser, viver e compreender um fato social” (p.4557)¹¹.

Para tanto, utilizamos os documentos oficiais dos projetos protocolados junto a Universidade Estadual de Goiás, via Pro Reitoria de Extensão e Pesquisa, referente ao cadastro do Projeto Cignus e Cignus na Finlândia, nos anos de 2013¹², 2013¹³, 2014¹⁴, 2015¹⁵ e 2015¹⁶. Além dos documentos oficiais da Organização Não Governamental Cignus^{17, 18, 19, 20}, constituída em 28 de novembro de 2017.

O PERCURSO

O Cignus é um grupo de Ginástica para Todos (GPT) que existe desde o ano de 2010²⁰ vinculado a Universidade Estadual de Goiás, como projeto de extensão. Suas premissas estruturais se embasam em uma proposta democrática e que visa difundir a prática de GPT no Estado de Goiás²⁰. Como proposta do projeto, um de seus produtos é a composição coreográfica.

Desde sua criação, o grupo participou de diversos eventos locais, como os festivais de Ginástica para Todos do Centro-Oeste^{12, 14, 19}, os Fóruns Internacionais de Ginástica para Todos^{12, 14, 19}, assim como de dois eventos internacionais: a Gymnaestrada 2015, em Helsinque na Finlândia¹³ e a Gymnaestrada 2019, em Dornbirn, na Áustria¹⁸.

Para ambas as participações, o grupo enfrentou um grande desafio: o financiamento. É importante ressaltar que o grupo, após o credenciamento, passa a compor a delegação brasileira, composta por outros grupos ginásticos do Brasil. Entretanto, todo o custeamento financeiro é realizado por grupo, sendo assim, apresentamos especificamente a experiência do grupo em Goiás.

O procedimento de 2015

Em 2015, logo após o credenciamento, foi encaminhado para a CBG, o credenciamento de 30 integrantes do grupo Cignus para participação na edição WG2015. O primeiro desafio encontrado pelo grupo, foi a ausência total de financiamento para o grupo. Vinculado à uma universidade pública, encontrou dois

entraves: 1) a não existência de recurso financeiro para a manutenção de grupos culturais; 2) a busca por financiamento externo encontrava entraves no fato de o grupo não existir institucionalmente para a sociedade (por ser projeto de extensão e não ter CNPJ próprio) e por estar vinculado a universidade pública, desse modo, todo e qualquer recurso deveria a priori ser destinado para a Universidade e a mesma ser responsável pelo repasse para o grupo¹³.

A condição acima apresentada provocou um entrave na captação de recursos externos. De tal modo, o grupo que inicialmente seria composto por 30 pessoas, teve uma mudança significativa em sua composição, reduzindo para 18 pessoas, sendo ainda que, muitos que estavam na primeira organização não foram. Assim, o lugar dessas pessoas fora ocupado por outras pessoas, que tinham condições de arcar individualmente os valores necessários à participação.

Os valores para a participação da WG2015 consistiram em: inscrição junto a CBG (R\$100,00); inscrição no evento (210 euros); acomodação/alojamento (190 euros); uniforme oficial da delegação brasileira (R\$220,00 por pessoa); pacote de almoço por participante (100 euros); passagem aérea (com saída de Goiânia – aproximadamente R\$4.400,00 por pessoa). Além dos ingressos para as noites especiais que poderiam ser comprados separadamente.

O grupo optou por não ficar na acomodação/alojamento, uma vez que teriam que efetuar o pagamento imediato junto a CBG e, nessa edição, ainda eram cobrados 33% do imposto de remessa dos participantes, o que elevava de forma significativa os custos¹³. Além disso, optou também pela não compra do kit para o almoço, assim como dos ingressos para as apresentações que não eram inclusos em suas credenciais¹³.

É importante ressaltar que, a estrutura organizacional de eventos como a Gymnaestrada Mundial, a partir dos relatos de 2015¹³ e 2019¹⁴, contemplam na inscrição o acesso aos espaços onde são realizadas as apresentações denominadas *Group Performance*, assim como o transporte público da região onde está ocorrendo o evento. Sendo, portanto, esses dois gastos não computados como extras. Ademais, todos os outros eventos noites: dos países, de gala, continentais, acrescenta-se o custo do ingresso.

Com relação a opção de o grupo não ficar no alojamento no ano de 2015, ocorreu em virtude de conseguirem um flat próximo ao centro e fecharem por meio de agência de viagens específica, parcelando durante 12 meses¹³, e ainda, ao fato que, o valor tenha ficado aproximadamente o mesmo. A coordenação do grupo avaliou que, o fato de terem duas crianças e uma pessoa com esclerose múltipla naquele período, seria mais interessante não ficar no alojamento¹³.

A princípio, todas as contas foram pagas via conta bancária da coordenadora do grupo: os participantes depositavam até a data determinada e a mesma repassava a CBG. A maior dificuldade desse processo era o fato de ser uma conta de pessoa física e, que ao final, teve que esclarecer a receita federal do país a circulação de uma importante quantia em suas transações bancárias¹³.

Preparação Gymnastrada 2019

A preparação para a participação do grupo na Gymnastrada 2019 teve seu início em 2017¹⁸, a partir da experiência vivida no ano de 2015, o grupo teve alguns cuidados específicos que antecederam a viagem.

A criação e estruturação de uma Organização Não Governamental^{17, 18} – a opção da criação e estruturação da ONG se deu por diversas razões, com destaque para: a necessidade de uma organização financeira rápida e direta para o grupo, sem intervenções; a prestação de contas facilitada junto ao governo sobre as transações bancárias; a transparência na prestação de contas, uma vez que, a estrutura segue moldes e trabalha tal como determina esse tipo de instituição. Ademais, há também que se relevar, a possibilidade de inscrição por meio de CNPJ específico em outras formas de financiamento, em meios privados ou governamentais. Outrora, a ONG cumpre seu papel social, atendendo outras frentes e demandas sociais, executando trabalho com idosos, jovens e, especialmente, promovendo a difusão do esporte para todos.

A federalização do grupo junto a Federação Goiana de Ginástica (FGG) – a partir do ano de 2018, o grupo Cignus, por meio de sua organização institucional, se federou de forma direta à FGG, mantendo suas anuidades e taxas cadastrais quites até o presente momento¹⁹.

A manutenção como projeto de extensão junto a Universidade – embora tenha sido realizado o movimento da criação de uma organização não governamental, com a finalidade de facilitar os trâmites financeiros e alguns burocráticos, optou-se também por manter o projeto vinculado a Universidade Estadual de Goiás, uma vez que, ele continua atendendo as demandas locais da instituição, tem a relação ensino, pesquisa e extensão, permanece sendo objetivo específico do projeto de extensão a difusão da prática da GPT, e tal ação entra em consonância com a formação docente, portanto, o que justifica seu vínculo com o curso de Educação Física dessa instituição.

Em 2017, dois grupos que compõem o projeto Cignus foi credenciado para participar da Gymnastrada Mundial, a saber, o Cignus Jovem e o Cignus Unati. O primeiro grupo composto por crianças, jovens e adultos e, o segundo grupo,

exclusivamente por idosas. A composição do final do grupo para 2019 ficou da seguinte forma:

	Cignus Jovem	Cignus Unati	TOTAL
Técnica	1	1	2
Ginastas Mulheres	11	27	38
Ginastas Homens	1	0	1
Acompanhantes Mulheres	0	1	1
Acompanhantes Homens	0	1	1
TOTAL Grupo Cignus			43

Fonte: Cignus, 2019¹⁸.

O relatório final¹⁸, aponta que todos os participantes pagaram igualmente todas as taxas, ou obtiveram descontos a partir de sua participação/colaboração com os eventos ou ações coletivas que buscavam captar recursos financeiros. Destaque que, o relatório em questão apresenta que foram realizadas: rifas, feijoadas, sorvetadas, bazar beneficente. Além disso, algumas pessoas de forma individual fizeram doações específicas para o grupo, assim como uma empresa. Os valores arrecadados, foram distribuídos igualmente quando se tratava de doações externas, ou proporcionalmente, quando se tratava de ações específicas que envolviam o coletivo.

Ponderamos que, os relatórios financeiros¹⁹, apresentam que o grupo custeou aproximadamente cinco mil reais para a federação do grupo junto a FGG. E, iniciou os processos de pagamentos das taxas oficiais para a participação da Gymnaestrada Mundial, sendo elas: a taxa de inscrição junto a CBG (R\$200,00), inscrição na Gymnaestrada Mundial (250 euros); uniforme oficial da delegação brasileira (R\$400,00); alojamento (176 euros); kit alimentação (98 euros); passagem aérea – média de 5.000,00 reais por participante. O grupo optou por não ficar em alojamento¹⁸, uma vez que havia várias idosas na composição do mesmo e também optou por não incluir as refeições em sua organização, uma vez que as pessoas preferiram se organizar de forma individual.

Embora haja uma separação de quatro anos entre um evento e outro, observamos que, alguns valores em suas moedas locais não tiveram um aumento tão significativo, enquanto outros o aumento foi de mais de 100%. Abaixo apresentamos um quadro com os valores empregados em 2015 e 2019, para visualizarmos essas mudanças:

Descrição do item	Gymnaestrada 2015	Gymnaestrada 2019
Federação do Grupo	Não houve	+/- R\$ 5.000,00
Inscrição CBG	R\$ 100,00	R\$ 200,00
Inscrição WG	210 euros	250 euros
Uniforme Oficial Brasil	R\$ 220,00	R\$ 400,00
Alojamento	190 euros*	176 euros*
Kit Alimentação	100 euros*	98 euros*
Média valor passagem	R\$ 4.400,00	R\$ 5.000,00

Pagamentos gerais – Grupo Cignus WG 2015 e 2019.

Fonte: Próprio autor, 2019.

*Não utilizado pelo grupo

Ressaltamos que, a realidade financeira da maioria dos integrantes é de estudantes de graduação ou de aposentados, o que é um dos fatores de dificuldade para pagamento das taxas que são pertinentes ao evento. Desse modo, as ações coletivas tornam-se imprescindível para captação dos recursos.

Ao analisamos o quadro com os valores, vislumbramos duas questões: o primeiro que, em euros, não há mudanças significativas nos valores. O que, reconhecidamente torna-se um padrão para quem faz parte da comunidade europeia, entretanto para outros países, esse valor possui oscilações significativas, uma vez que tem variações a partir da cotação do euro. Destaque que, para os pagamentos de 2015 houve um acréscimo de 33% dos impostos de remessa que, no caso de 2019 não houve.

Com relação aos valores empregados no Brasil, como a taxa de inscrição da CBG e o valor do uniforme, houve um questionamento oficial¹⁸ pela diretora-presidente à FIGG, que por sua vez encaminhou a CBG e, até o momento da finalização desse estudo não havia obtido respostas: trata-se da devolução do valor de inscrição pago a mais pelo grupo, uma vez que a previsão do grupo de pessoas que iriam era um pouco maior, porém houveram desistências pela conjuntura do Estado de Goiás no período – justificado por haver no regulamento da CBG que apenas os valores remetidos à FIGG ou inscrição do evento não seriam passíveis de devolução; e também quanto a qualidade dos uniformes entregues – houve um aumento de 100% no valor do uniforme e a qualidade do uniforme entregue era 100% inferior ao entregue em 2015.

Para além dos gastos que aqui são apresentados, ponderamos que outros gastos são previstos: alimentação, participação em alguma noite especial, compras específicas e individuais.

Salientamos que, a prestação de contas¹⁹ foi toda realizada pelos tesoureiros e pelo escritório de contabilidade contratado pela ONG, o que retira a responsabilidade individual de pessoa física e é transferida para o coletivo, por meio de pessoa jurídica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A organização financeira de um grupo de Ginástica para Todos é um grande desafio, além das questões financeiras individuais de cada integrante, a captação de recurso é bem delicada, uma vez que os possíveis investidores esperam medalhas, vitórias e repercussão midiática, o que não é uma característica dos grupos de GPT.

Além disso, as ações menores (como rifas, feijoadas, galinhadas, bazar), demandam tempo e muita disposição, o que também é de difícil administração já que os integrantes do grupo possuem outras atividades profissionais e pessoais. Apontamos que, houve grandes mudanças na organização financeira de 2015 para 2019, qualitativas, embora as dificuldades financeiras permaneçam, a partilha da administração por meio da ONG foi de extrema relevância.

De acordo com Carbinatto et al²¹ a sistematização da estrutura organizacional desportiva favorece índices esportivos internacionais, mas que, além disso, os benefícios são bem maiores como trazer "melhor fluidez e realização dos processos; diversificação e/ou melhorias dos serviços prestados; otimização do recurso financeiro investido; maior harmonia e precisão na comunicação interna; trabalho intersetorial mais integrado e eficaz; alcance legítimo da missão, princípios, objetivos; programas, projetos e ações institucionais." (p. 45)²¹. Fato esse, que pode ser observado com a organização estrutural do Cignus em formato de OnG.

Ademais, ressaltamos que os recursos financeiros para a cobertura de gastos com transporte, alimentação, hospedagem, cotas de participação nos eventos precisam ser captados com antecedência para que quando chegar à data do evento já se tenha todos os custos pagos²² e, no caso do grupo Cignus, aquilo que não foi captado coletivamente foi pago e arcado individualmente por cada um dos inscritos. Nesse sentido, como os gastos por vezes se torna oneroso, há uma grande desistência das pessoas no período que antecede a viagem.

A OnG formada pelo grupo Cignus oportunizou transformações na prática pedagógica de cada sujeito envolvido, como também favoreceu a uma gestão direcionada a uma estruturação interdependente dos participantes e apesar das dificuldades, o grupo conseguiu o intento de ir a duas Gymnaestradas Mundiais (2015, 2019).

A estruturação, organização e manutenção de uma gestão compartilhada proporciona pontos positivos como a emancipação profissional, ou seja, dá ênfase na participação de todos os membros do grupo na tomada de decisões, bem como o envolvimento consciente no processo de aprendizagem de práticas docentes e partilha nas responsabilidades que recaíam anteriormente apenas sobre uma pessoa. Entretanto, ainda há grandes desafios, pois, a gestão compartilhada significa colocar em prática os princípios nos quais o grupo se fundamenta: a democracia, a inclusão, a diversidade, o que significa lidar com as diferenças pertinentes a condição humana.

REFERÊNCIAS

1. Oliveira, M. F.; Gomes, L. C. do N.; Vianey, N. L. Braga, T. T. M. Construindo uma Ginástica para Todos em Goiás: a proposta do grupo universitário Cignus. In: Oliveira, M. F.; Toledo, E.. Ginástica para Todos – possibilidades de formação e intervenção. Editora UEG, Anápolis, 2016.
2. Santos, J. C. E. Ginástica para Todos – elaboração de coreografias e organização de festivais. 2ª edição. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009.
3. Paoliello, E. Ginástica Geral: experiências e reflexões. São Paulo: Phorte, 2008.
4. Oliveira, M. F.; Toledo, E.. Ginástica para Todos – possibilidades de formação e intervenção. Editora UEG, Anápolis, 2016.
5. Bortoleto, M. A. C.; Paoliello, E.. Ginástica para Todos. Um Encontro com a coletividade. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2017.
6. FIG. Federation Internationale de Gymnastique. *Discipline Gymnastics for all*. Disponível em: <https://www.gymnastics.sport/site/discipline.php?disc=1> pesquisado em 20 de outubro de 2019.
7. CBG. Confederação Brasileira de Ginástica. Ginástica para Todos. Disponível em: <https://www.cbginastica.com.br/ginastica-para-todos> pesquisado em 20 de outubro de 2019.
8. Toledo, E; PATRÍCIO, T.; DESIDÉRIO, A.; Schiavon, L. M.; Bortoleto, M.A. C. Financiamento na Ginástica para Todos: Análise da participação dos grupos brasileiros na World Gymnaestrada 2011. In: Oliveira, M. F.; Toledo, E.. Ginástica para Todos – possibilidades de formação e intervenção. Editora UEG, Anápolis, 2016.
9. WG2019. World Gymnaestrada 2019. Disponível em: <https://www.wg2019.at/>
10. Negrine, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: Molina Neto, V.; Triviños, A. N. S. A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

11. Silva, L. R. C; Damaceno, A. D.; Sobral, K. M.; Farias, I. M. S. Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente. In: Anais III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26 a 29 de outubro de 2009. PUCPR.
12. UEG. Projeto Cignus. Projeto de Extensão – plataforma Pegasus. 2013.
13. UEG. Projeto Cignus na Finlândia. Projeto de Extensão – plataforma Pegasus. 2013.
14. UEG. Projeto Cignus. Projeto de Extensão – plataforma Pegasus. 2014.
15. UEG. Projeto Cignus. Projeto de Extensão – plataforma Pegasus. 2015.
16. UEG. Projeto Cignus. Projeto de Extensão – plataforma Pegasus. 2019.
17. Cignus. Ata Da Assembleia Geral Para Fundação Da Organização Não Governamental – Cignus. Sem número. 28 de novembro de 2017.
18. Cignus. Relatório de viagem internacional – WG2019 – entregue pela coordenadora da viagem Michelle Ferreira de Oliveira em 15 de agosto de 2019.
19. Cignus. Relatório da organização estrutural e financeira 2019. Feito pela contabilidade da ONG.
20. UEG. Projeto Cignus. Projeto de Extensão – plataforma Pegasus. 2010.
21. Carbinatto, M. V.; Toledo, E.; Massaro, I. F. Estrutura e organização da Ginástica Para Todos: Uma análise federativa. In: Oliveira, M. F.; Toledo, E.. Ginástica para Todos – possibilidades de formação e intervenção. Editora UEG, Anápolis, 2016.
22. Dos Santos, N. C. et al. Captação de recursos financeiros em organizações sem fins lucrativos: a utilização de indicadores de gestão para os doadores e beneficiários dos projetos sociais. REGE Revista de Gestão, v. 15, n. spe, p. 75-91, 2008.

**METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR E GINÁSTICA PARA TODOS: A (NÃO)
CONSTRUÇÃO DE UM MAPA CONCEITUAL
HIGHER EDUCATION METHODOLOGY AND GYMNASTICS FOR ALL: THE (NO)
CONSTRUCTION OF A CONCEPT MAP IN ANALYSIS**

Nayana Ribeiro Henrique¹, Tamiris Lima Patrício¹, Mellina Souza Batista¹,
Lorena Nabanete dos Reis Furtado¹, Michele Viviene Carbinatto¹

1- Universidade de São Paulo (USP) - Grupo de Estudos e Pesquisa em Ginástica-
GYMNUSP/EEFE/USP

E-mail: nayanaribeiro@usp.br

RESUMO

Mapas conceituais (MC) são ferramentas gráficas que vem sendo utilizadas como uma possibilidade das metodologias ativas de ensino, fundamentada pela teoria cognitiva de aprendizagem. No ambiente educacional, é comumente traçado pelo professor e alunos após reflexão sobre um tema. Este estudo apresenta a análise da utilização de MC como proposta metodológica no ensino superior de cursos de Educação Física e Esporte na disciplina de Ginástica para Todos (GPT). Para tal, triangulou-se os resultados de três processos de coleta de dados: a observação participante, a análise documental e o grupo de discussão. Os participantes foram compostos por 16 alunos do curso de Bacharelado em Esporte e/ou Educação Física e Licenciatura em Educação Física, uma docente e duas assistentes. Duas temáticas foram constantemente abordadas pelos MC: a. desconstrução de padrões corporais; b. a mudança de metodologia no ensino da ginástica. A proposta implicou na formatação mais próxima de um diagrama do que um mapa conceitual de GPT em si, no entanto as discussões foram válidas e promissoras, uma vez que abarcaram princípios de educação e processos ensino e aprendizagem no esporte.

Palavras-chaves: Metodologia; Educação Superior; Ginástica; Educação Física; Treinamento.

Órgão Financiador de parte da pesquisa- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ)

ABSTRACT

Concept maps (CM) are graphic tools that have been used as a possibility of active education methodologies, based on cognitive learning theory. In the educational context, it is usually develop by the lecturer/professor and students after reflection on a

specific theme. This study presents the analysis of the use of CM as a methodology in Gymnastics for All classes in undergraduate courses in Physical Education and Sport. For that purpose, the results' triangulation of three data collection were addressed: participant observation, document analysis and discussion group. The participants were composed of 16 students of the Bachelor of Sport and / or Physical Education and Physical Education Teacher Education, one full-time lecturer and two assistants. Two themes were constantly addressed by the CM a. deconstruction of body patterns; B. the change of methodology in gymnastics. The proposal indicated a results closer to a diagram than a CM, however the discussions were valid because it encompassed principles of education and teaching-learning processes in sports.

Keywords: Methodology; Education, Higher; Gymnastics; Physical Education; Training.

INTRODUÇÃO

Tratar sobre metodologias no ensino superior é desafiante. Tal tarefa exige um claro posicionamento ideológico, uma vez que a filosofia de vida, percepção de mundo e de sociedade estarão inerentes a forma como nos posicionaremos no que se refere aos caminhos do docente em prol da aprendizagem dos alunos. Implica ainda no enfrentamento de múltiplos desafios estruturais (organização acadêmica) e conceitos pedagógicos (valores) não apenas de professores, como de alunos.

Tradicionalmente, a pedagogia transmissiva pairou sobre as metodologias de ensino superior. Nestas, as propostas curriculares e os planos de trabalhos apresentam características estáticas e acumulativa de informação que, como consequência, levam a processos de produção, socialização e organização do conhecimento fragmentados. Sobre a perspectiva da epistemologia da Teoria da Complexidade, defendemos propostas que rompam a lógica unidimensional e suscitem metodologias nas salas de aula que contextualizam os fenômenos e reconheçam suas causalidades, elenquem que o mundo está em constante transformação e há imprevisibilidade nos acontecimentos e, por fim, que o conhecimento é construído socialmente. ^{1,2,3,4,5,6}

Tais propostas nos levaram a alguns questionamentos: Conseguimos aplicar metodologias pedagógicas que se aproximam das premissas da Teoria da Complexidade? Quais fundamentos embasam as metodologias ativas? Qual caminho e/ou como poderíamos exemplificar uma proposta metodológica no ensino superior em disciplinas dos cursos de Educação Física e Esporte?

Neste sentido, a inserção de metodologias ativas (MA) pode ser determinante nos processos de aprendizagem pois, professor e aluno são atuantes, críticos e protagonistas, durante todo o processo de ensino-aprendizagem.⁷ Dentre as MA, discutimos neste artigo

a aplicação dos Mapas Conceituais (MC) como proposta metodológica em uma disciplina eletiva de Ginástica para Todos ofertada aos cursos de Bacharelado em Educação Física, Bacharelado em Esporte e Licenciatura em Educação Física.

A Ginástica para Todos (GPT) pode ser considerada como uma prática corporal essencialmente não-competitiva, em que fundamentos das ginásticas (balanço, equilíbrio, suspensão, aterrissagem, rotação e apoios), elementos das referidas modalidades sistematizadas (artística, rítmica, acrobática, aeróbica, trampolim, parkour), uníssonos (ou não) a outras manifestações corporais, como danças, expressões folclóricas e jogos são vivenciadas por meio de atividades livres e criativas, com ou sem aparelhos (oficiais, complementares, adaptados ou construídos).^{8,9} Ademais, a GPT tem se mostrado, em âmbito nacional, uma possibilidade de prática gímnica que se pauta em métodos não tradicionais ¹⁰ e, por tal, se aproxima dos ideais das MA.

Metodologia do Ensino Superior

Entendemos por estratégia, um plano cuidadosamente preparado que envolve uma sequência de passos concebidos para atingir uma determinada meta. No sentido lato, o termo pode ser considerado como sendo as sequências integradas de procedimentos, ações, atividades ou passos escolhidos com um claro propósito.^{11, 12} Ao adotarmos essa palavra no plano educacional, podemos considerá-la como o plano concebido pelo professor para, em relação a um dado conteúdo, promover determinadas competências, num contexto real.

Frente aos pressupostos elencados pela TC, é preciso que a estratégia escolhida pelo professor transcenda a percepção dualística emissor-receptor de metodologias. Nesta, a percepção é entendida por uma só via: de fora para dentro, ou seja, “o conhecimento situa-se fora do sujeito, que precisa memorizá-lo para dele se apropriar. O pressuposto aqui é que o conhecimento repassado constitui verdade indiscutível”.¹³ Essa prática educacional separa o ser e o saber (famosa dicotomia cartesiana sujeito-objeto) no qual o saber é objetivado e distanciado da realidade.

É preciso que se organizem espaços metodológicos que demonstrem o caráter circulante do conhecimento. Claro está que o professor não é diretamente responsável pela aprendizagem do aluno, mas é responsável por oferecer-lhes um ambiente pedagógico que proporcione condições ao diálogo reflexivo com situações problemáticas concretas.¹⁴

Contrapondo-se à filosofia positivista e racionalidade técnica, as teorias metodológicas mais contemporâneas primam pelas situações-problemas (trazendo as

incertezas, singularidades e conflitos de valores) e elaboração de projetos como pontos principais a serem atendidos em uma aula.

Morin¹ apresenta a estratégia como um “cenário de ação que examina as certezas e as incertezas da situação, as probabilidades, as improbabilidades (...) que pode e deve ser modificado de acordo com as informações recolhidas, os acasos, contratempos ou boas oportunidades encontradas ao longo do caminho (...). Para o autor, é na estratégia que se apresenta sempre de maneira singular, em função do contexto e em virtude do próprio desenvolvimento, o problema da dialógica entre fins e meios, produto e processo.

Essas novas estruturas metodológicas levam o estudante a agir sobre a informação, “integrá-la no seu conhecimento anterior, reestruturá-lo, pensar criticamente, trabalhar em equipes, emitir juízos de valor, comunicar, questionar, questionar-se de acordo com suas experiências, necessidades e motivações”.¹⁵ Envolve-se aí, a pesquisa, no sentido de focar a parceria aluno e professor na busca da produção do conhecimento e na superação da cópia e da reprodução.¹⁶

Dentre as metodologias do ensino superior salutaras, notamos os Centros de Interesse, Método de Projetos, Investigação do Meio, Projetos de Trabalho Global,¹⁷ como alguns exemplos. No entanto, optamos por utilizar a metodologia do “Mapa Conceitual”, como aquela que não foi – especificamente – orientadas pelos paradigmas da TC, mas que tem enlaces comuns com ela.

Mapa Conceitual

Originalmente desenvolvido por Joseph Novak,¹⁸ o mapeamento de conceitos tentava entender como os alunos haviam compreendido conceitos de ciência.¹⁹ também propuseram estratégia semelhante intitulada estrutura conceitual²⁰ de diagrama integrativo. Apresentando semelhanças,²¹ confirma que cabe ao pesquisador a opção por um dos conceitos e, no nosso caso, optamos pelos Mapas Conceituais (MC).

Os MC são ferramentas gráficas que vem sendo utilizadas como uma possibilidade de MA de ensino¹⁸ e pode ser explicado como “uma exibição visual de uma teoria- uma imagem do que a teoria diz que está acontecendo com o fenômeno que você está estudando”.²¹

Tais diagramas de significados, devem apresentar visualmente o design ou a operação de um estudo e apresentar as relações significativas e hierarquias conceituais, atemporais e sem sequencialidade linear.²²

Os MC podem ser utilizados para demonstrar de forma clara as ideias que as pessoas têm sobre um determinado assunto. Eles demonstram significados, conceitos e suas ligações relacionadas ao assunto em forma de um mapa.

A teoria mostra como o conhecimento é absorvido e se mantém armazenado na estrutura cognitiva do estudante. Segundo Ausubel,²³ a pessoa cria um significado a partir de um acerto conceitual interligando o conceito apresentado e o conhecimento prévio além de sua predisposição para executar essa construção.

Com base nessa teoria, Novak¹⁸ desenvolveu a metodologia de Mapas Conceituais e buscou caracterizar como o conhecimento é armazenado na estrutura cognitiva de um estudante. Essa estrutura pode ser apresentada como um grupo de conceitos, classificados de forma hierárquica, que mostram o conhecimento e as experiências adquiridas por um estudante.

Os mapas conceituais estão sendo úteis em inúmeras áreas do conhecimento, tendo distintas finalidades, como na educação, na aprendizagem, na avaliação, na organização e na representação de conhecimento. No ambiente educacional, é traçado pelo professor e alunos após reflexão sobre um tema.

O uso dos mapas conceituais, tem se destacado como uma ferramenta de ação pedagógica bastante útil para o ensino de diversas disciplinas e assuntos, permitindo que um grupo de conceitos seja exibido aos alunos, a partir das relações entre eles.

Longe de indicar uma receita ou caminho fechado e delimitado, Maxwell²¹ aponta fases interessantes para a consolidação de um mapa conceitual, a saber:

1. Quais palavras-chaves são recorrentes ao utilizar o tópico? Tais palavras provavelmente representam conceitos importantes da teoria.
2. Analise textos (artigos, capítulos de livros e etc) já escritos sobre o tema e tente mapear a teoria implícita (ou explícita).
3. Selecione um conceito e/ou idéia recorrente e faça um brainstorming de assuntos que possam estar relacionados ao tema. Posteriormente selecione aqueles que mais parecem relevante para o estudo.
4. Solicite a alguém que o entreviste sobre o que você está investigando, o que está acontecendo e por quê. Então, ouça a entrevista e anote os termos mais utilizados para falar sobre ela. Estes podem ser centrais para a sua estrutura conceitual.

Tais etapas foram pensadas e organizadas na disciplina de Ginástica para Todos, na tentativa de elucidar um MC sobre GPT a partir da percepção de alunos da graduação em EF e/ou Esporte.

MÉTODOS

Caracterizado como pesquisa qualitativa, este estudo triangulou os resultados de três processos de coleta de dados: a observação participante, a análise documental e o grupo de discussão.

Com duração de um semestre letivo, a pesquisa foi realizada por uma docente, duas assistentes e dezesseis alunos dos Cursos de Licenciatura em Educação Física, ou Bacharelado em Educação Física, ou Bacharelado em Esporte de uma universidade pública paulista.

A observação participante ocorreu no decorrer do semestre, mais precisamente nas 13 sessões de aula que aconteciam as quartas-feiras pelo período de uma hora e quarenta minutos (total de 18 horas e 20 minutos). Tal método implica pelo contato dos pesquisadores (docente e assistentes) com o fenômeno estudado, estabelecendo relações com os sujeitos da pesquisa (discentes). Portanto, por meio desse processo metodológico foi possível captar uma gama de situações e discussões que não poderiam ser obtidas somente por narrativas provindas de entrevistas ou questionários.²⁴

Como um processo que é considerado multilateral e de prazo relativamente longo, a OP ofereceu aos pesquisadores análises específicas e profundas, em decorrência à presença constante na rotina do grupo. Para Minayo,²⁴ neste período é possível a familiarização dos observadores com a linguagem do coletivo observado, desenvolvendo um envolvimento pessoal que permite entendimento de significados, ações e expressões faciais e corporais (Etapa 1 dos MC proposta por Maxwell²¹).

Dessa forma, cada uma das três observadoras realizava Diários de Campo de cada aula, que consistiram em anotações ou gravações sobre as situações observadas decorrentes dos encontros. Ao final da aula, era feita uma reunião a qual as pesquisadoras trocavam informações sobre as observações, apontando e discutindo as temáticas que surgiram.

Para além das observações também foi realizada uma Análise Documental que refletiu a compilação e discussão de dez mapas conceituais elaborados pelos discentes (18 em duplas e 1 individual) de textos previamente indicados no plano de estudos de da disciplina "Ginástica para Todos" (Etapa 2 dos MC proposta por Maxwell²¹). A seguir apresentamos um exemplo de MC desenvolvido nesta etapa metodológica:

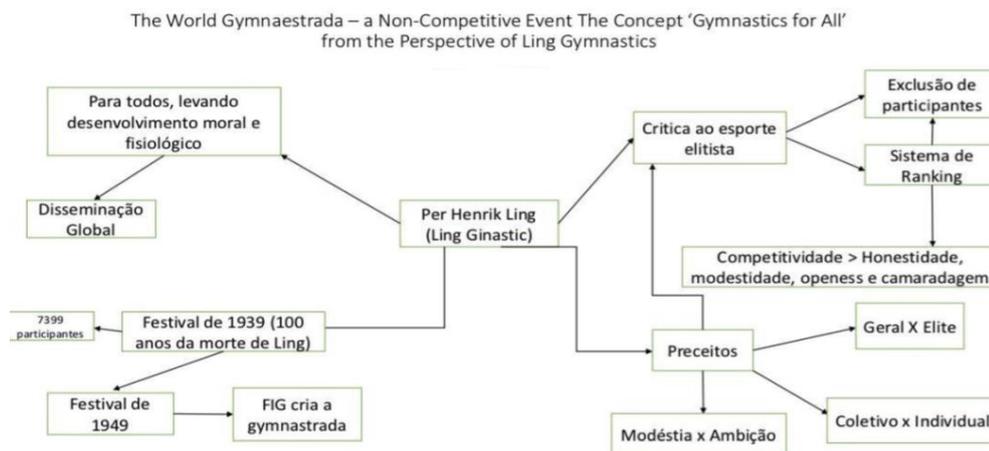


FIGURA1: Exemplo de Mapa conceitual feito por alunos da disciplina de GPT.

É importante indicar que os alunos também puderam elaborar o MC de textos que encontrassem, mas que precisariam de uma aprovação (por e-mail ou pessoalmente) da docente responsável pela disciplina. Tal premissa foi necessária devido a abrangência que o termo “Ginástica para Todos” abarca e o necessário direcionamento daquela com o viés defendido e apresentado pela Federação Internacional de Ginástica (FIG).

Cada dupla, ou cada aluno que realizou o MC individualmente, apresentou seu trabalho durante uma das aulas finais da disciplina explicando o conteúdo reflexivo do texto que escolheram para a elaboração do mesmo. A Docente foi a mediadora, questionando algumas temáticas e desenvolvendo-as. Além disso, as assistentes foram fazendo anotações e elencando os temas do possível MC final (Etapa 3 dos MC proposta por Maxwell²¹).

O Grupo de Discussão foi realizado na última aula em que os envolvidos discutiram os temas provindos das análises de todos os MC, bem como os conteúdos que foram abordados durante todo o semestre, indicando um MC único para a compreensão de princípios da modalidade. Essa discussão foi gravada em áudio por meio de dois aparelhos celulares, transcrita e analisada (Etapa 4 dos MC proposta por Maxwell²¹).

Uma das formas de análise deste estudo foi por um procedimento de “Triangulação”, ou seja, analisamos o fenômeno por mais de uma fonte de dados (observações, mapas conceituais e discussão final) com a finalidade de examinar o problema por diferentes perspectivas.²⁵

Para além da triangulação, adotamos a Análise de Conteúdo proposta por Bardin,²⁶ codificando, qualificando e reduzindo em duas categorias de discussão: **a.** Desconstrução de padrões corporais; **b.** A mudança de metodologia do ensino da ginástica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta em desenvolver um Mapa Conceitual de Ginástica para Todos em parceria com alunos da graduação (Bacharelado em Esporte; Bacharelado em Educação Física e/ou Licenciatura em Educação Física) foi considerada válida e promissora. No entanto, a análise do trabalho indicou que caímos na “zona de risco” dos MC, ou seja, quando todos os conceitos são globais e abstratos e existem setas bidirecionais em todos os lugares, mais próximos de diagrama do que de um MC em si.¹⁹

Porém, consideramos as discussões e termos levantados interessantes e que indicam a necessidade dos graduandos em compreender princípios notados quando na aplicabilidade da Ginástica para Todos: a desconstrução de padrões corporais e do tradicionalismo do processo ensino-aprendizagem da ginástica.

a. Desconstrução de padrões corporais

Foi recorrente nos diários de campo e grupo de discussão alusão à necessária “reconceitualização” do corpo nas práticas esportiva com referências à dicotomia corpo/mente-espírito, ou mais precisamente, da relação equivocada em considerar o corpo como uma máquina, ao invés do corpo sujeito/indivíduo.

O corpo é idealizado como meio de efetivar ações imaginárias, compreendido pelas diversas características que possibilita o conhecimento do real e do ideal. O sujeito é existencial criando uma forma de se deslocar para o seu objetivo, à procura de ações imaginárias. O corpo se torna máquina quando perde suas demais dimensões, impedindo o atleta, por exemplo, de vivenciar a corporeidade em sua totalidade e o impedindo de desenvolver todas as suas reais potencialidades.²⁷

O paradigma newtoniano-cartesiano compara funcionamento do corpo ao de uma máquina, trazendo uma visão analítica, fragmentada e mecânica. Nos mostrando o oposto,²⁸ discutem a necessidade de a Educação Física/Esporte resgatar em suas práticas o lado mais humano no homem, não o tratando como uma máquina, mas como um ser completo.

Para decifrar a linguagem do corpo é preciso revelar e reconstruir as narrativas corporais, a começar do questionamento sobre os padrões de comportamento e os significados das práticas corporais internalizadas em nossa cultura corporal, até a recuperação da memória corporal viva, individual e coletiva, das experiências marcantes e dos saberes corporais iniciais.²⁹ Portanto, é preciso refletir sobre a concepção de corpo que entendemos ser mais coerente com a GPT, a prática em foco neste estudo.

Uma vez que o corpo é desenvolvido mediante infinitas interações com o mundo exterior, já não podemos dizer que é uma matéria bruta, pois nele está presente

estimulações internas, afetos, desejos e impulsos que o impeliu para o universo, obrigando-o se apropriar desse mundo.³⁰

Não nos parece coerente a aprendizagem mecânica e sem contexto dos movimentos, uma vez que estamos em busca das experiências humanas em que possamos aprender através do movimento corporal, visando os acontecimentos do mundo por meio dele.³¹

Dessa maneira, ao considerarmos a práxis a partir da intersubjetividade (e.g. superação, singularidade, plenitude) da própria expressão, é plausível inferir que a prática da GPT é permeada por experiências vividas, fomentando assim, o autoconhecimento lúdico, criativo e desejado.³²

O corpo aqui é definido fundamentalmente pelos significados culturais, sociais, histórico, biológico e psíquico que se conferem nas suas implicações na satisfação corporal, meios de aprendizagem que a GPT trabalha ressaltando o corpo sujeito.

Afinal, a GPT deve refutar a maneira simplista como a técnica é ensinada e valorizar mais o seu real significado que consiste na compreensão do corpo e dos gestos técnicos que têm sua origem em movimentos tradicionais e culturais.

O contexto é criado de maneira a motivar a participação voluntária do aluno que passa a ser sujeito ativo no próprio processo de desenvolvimento, incentivado por meio dos desafios a encontrar soluções para os problemas criados no tempo e espaço. Desse modo, a aprendizagem torna-se significativa, pois o ambiente absorve por inteiro o corpo sujeito.³³

O praticante deixa de ser um mero corpo e se descobre em suas dimensões, levando em conta a experiência e o prazer que o motivarão a agir sempre melhor, em busca da excelência pessoal. Assim, o professor age como intermediário desse processo, criando o contexto favorável para esse desenvolvimento.

b. A mudança de metodologia no ensino da ginástica

É sabido que em todos os domínios da atividade humana existem práticas contestáveis, contudo, resistente às mudanças, e na área de Educação Física e Esporte isso não é diferente. Na ginástica, por exemplo, novas propostas na metodologia de ensino ainda se configuram como um grande desafio, sobretudo se a experiência se produz em um local tradicionalmente vinculado à prática esportiva de competição.^{34,35}

Atualmente, entre as práticas ginásticas sistematizadas e divulgadas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) - encontra-se a Ginástica para Todos (GPT), uma prática corporal livre de regulamentos técnicos e obrigatoriedades gestuais, que se baseia na Ginástica, compondo-se de vários tipos de manifestações.

Especialmente no ensino superior, a GPT tem crescido consideravelmente.³⁶ Após as reformas educacionais nos anos 90, as universidades se mostraram interessadas nos valores da prática no campo da EF e Esporte e considerou a perspectiva não-competitiva e inclusiva advinda do movimento Esporte para Todos (EPT) no seu ambiente.³⁷ Foi então que a GPT foi ganhando notoriedade e, após os anos 2000, ampliou-se consideravelmente.

Ao abordarmos esta temática, nos questionamos se os modelos de ensino da ginástica tradicionalmente voltado ao técnico/professor para voltar-se ao aluno abarcam a diversidade de perfis que praticam ginástica. É possível que, além dos fundamentos, condicionamento e preparação física, incluirmos a diversão e a socialização entre os praticantes? Será possível observarmos na ginástica o viés mais contemporâneo de ensino – centrado no aluno/praticante- do que no professor?

Cada grupo de GPT possui suas próprias características e filosofia de trabalho, entretanto, quando o grupo é orientado a desenvolver o trabalho de composição coreográfica de forma coletiva, com a participação de todos os integrantes, o processo deixa de se ser alienador. Dessa forma, ao invés de reproduzirem ações, movimentos e ideias, os integrantes se tornam parte do processo, participando de forma ativa o que potencializa o processo ensino-aprendizagem.³⁸

Aleixo e Mesquita³⁹ defenderam que é preciso buscar estratégias de atuação em que o praticante é considerado como o centro do processo e construtor do conhecimento - e não apenas receptor de informações- inclusive no esporte. Gomes e Rego⁴⁰ salientam que apoiar-se nas bases de educação para ensinar o esporte pode transformar a pessoa que ensina e a que aprende em seres dinâmicos e em constante dialética com o mundo, transformando e sendo transformado de forma significativa.

Por se tratar de uma prática corporal que prima pelo seu desenvolvimento pautado na inclusão, a GPT pode se valer de um processo coletivo e democrático, possibilitando o protagonismo do praticante, sobretudo, por meio de atividades propostas pelo professor em que as interações entre os participantes e a valorização dos conhecimentos prévios são estimuladas a formação humana é propiciada³⁸

Neste estudo, pode-se perceber que estas características se fizeram presentes na construção de uma proposta para o desenvolvimento da prática gímnica. Aspectos que fazem alusão a GPT e os métodos de trabalho coletivo e cooperativos foram recorrentes. Assim como os estudiosos da área propõem estas características, os alunos da disciplina compreenderam sua relevância para a prática da GPT.

Assim como as demais modalidades esportivas, entendemos que a ginástica precisa ser vista e praticada sob outras perspectivas, incorporando a criatividade,

cooperação, coletividade e liberdade. Nesse contexto, e seguindo teóricos,^{37,41,38} defendemos a Ginástica para Todos como possibilidade de resgatar a prática da ginástica numa perspectiva lúdica, sem estar atrelada ao modismo, retomando a ideia da “arte” e do prazer de se exercitar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente de aulas da graduação não indica certezas absolutas e nem respostas programadas, mas cria possibilidades e variantes nas quais os alunos precisam manifestar seu posicionamento.¹⁶ Logo, as disciplinas não se constituem como porto de chegada, mas uma referência, um farol que assinala uma costa, que orienta os navegadores numa exploração ampla e incerta.

O processo de ensino-aprendizagem pode ser compreendido como a negociação de significados entre o professor (especialista) e os alunos (iniciantes no tema). Tais significados estão impregnados pelos conceitos e proposições existentes nas estruturas de conhecimento desses indivíduos. É possível considerar que ao iniciar uma disciplina, o professor tenha uma construção de conhecimento mais detalhada e melhor organizada do que os seus alunos. Os mapas conceituais são úteis para caracterizar essas estruturas, bem como para monitorar as mudanças que elas sofrem durante o processo de ensino-aprendizagem.^{42,43}

É importante que nos processos de ensino e de aprendizagem, os alunos se transformem em participantes da construção do saber, lado a lado com o professor, que também se apresenta como participante desse processo de aprendizagem. E, ainda, o ponto mais importante desse processo deve ser o enriquecimento da capacidade de fazer e de refletir do aluno, em um âmbito no qual se corrija “o fazer” e não “o ser” do aluno.⁴⁴

Constatamos que o trabalho com MC e GPT implicou em discussões de princípios de educação e processos ensino e aprendizagem e não em conhecimentos específicos de uma modalidade esportiva. Aquelas elencaram, sobremaneira, a mudança de paradigmas tradicionalistas (por vezes tecnicistas e mecanizados) no ensino de esporte. Foi notório que precisaríamos de mais tempo, estudos e discussões para esboçarmos um MC específico da GPT.

REFERÊNCIAS

1. Morin, E. A cabeça bem-feita. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 99, 2000.
2. Zabala, A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998. Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula, 2002.

3. Fels, L. Complexity, teacher education and the restless jury: Pedagogical moments of performance. *Complicity: An international journal of complexity and education*, v. 1, n. 1, 2004.
4. Davis, B. Complexity and education: Vital simultaneities. *Educational Philosophy and Theory*, v. 40, n. 1, p. 50-65, 2008.
5. Davis, A. B.; Sumara, D. J.; Kieren, T. E. Cognição, co-emergência, currículo. *Journal of Curriculum Studies*, v. 28, n. 2, p. 151-169, 1996.
6. Biesta, G. Good education in an age of measurement: On the need to reconnect with the question of purpose in education. *Educational Assessment, Evaluation and Accountability (formerly: Journal of Personnel Evaluation in Education)*, v. 21, n. 1, p. 33-46, 2009.
7. Lacerda, F. C. B.; Santos, L. M. Integralidade na formação do ensino superior: metodologias ativas de aprendizagem. Sorocaba (SP), dez, p. 611-627, 2018.
8. Carbinatto, M.V.; Soares, D. B.; Bortoleto, M.A.C. Gym Brasil-festival nacional de ginástica para todos. *Motrivivência*, v. 28, n. 49, p. 128-145, 2016.
9. Bratfische, S.A; Carbinatto, M.V. Inovação e criação de materiais: em busca da originalidade na ginástica para todos. *Temas emergentes em ginástica para todos*, 2016.
10. Paoliello, E. et al. Grupo ginástico Unicamp 25 anos. Campinas: Unicamp, 2014.
11. Lamas, M. Gênero: os conflitos e desafios do novo paradigma. *Revista Proposta*, São Paulo, n. 84/85, p. 12-25, 2000.
12. Nisbet, J.; Shucksmith, J. *Las estrategias de aprendizaje* (A. Bermejo, trad) Madrid, España: Santillana SA. 1987.
13. Santos, A. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 37, p. 71-83, 2008.
14. Canfield, A.A. *Canfield learning styles inventory manual*. Western Psychological Services, 1992.
15. Leite, E.; Malpique, M.; Santos, M. *Trabalho por Projeto: Aprender por projetos de trabalho centrados em problemas*. 2001.
16. Behrens, T.E.J et al. Associative learning of social value. *Nature*, v. 456, n. 7219, p. 245, 2008.
17. Zabala, A. *Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar*. Artmed Editora, 2016.
18. Novak, J. D.; Cañas, A. J. A teoria subjacente aos mapas conceituais e como elaborá-los e usá-los. *Práxis Educativa*, v. 5, n. 1, p. 9-29, 2010.
19. Miles, M. et al. *Qualitative data analysis (an expanded sourcebook)*. 1994.
20. Strauss, A. L. *Qualitative analysis for social scientists*. Cambridge university press, 1987.

21. Maxwell, J.A. Applied social research methods series: Vol. 41. Qualitative research design: An interactive approach, v. 3, 2013.
22. Moreira, M.A. Modelos mentais. Investigações em ensino de ciências. Porto Alegre. Vol. 1, n. 3 (dez. 1996), p. 193-232, 1996.
23. Ausubel, D.P. A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, v. 198, 1982.
24. Minayo, M.C.S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. Ciência & saúde coletiva, v. 17, p. 621-626, 2012.
25. Decrop, A. et al. Trustworthiness in qualitative tourism research. Qualitative research in tourism: Ontologies, epistemologies and methodologies, v. 156, p. 169, 2004.
26. Bardin, L. Análise de conteúdo. Edições 70. Lisboa. Portugal, 2011.
27. Merlau-Ponty, M. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.
28. Bento, J.O.; Moreira, W. W. Homo sportivus: o humano no homem. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2012.
29. Brasileiro, L.T.; Marcassa, L.P. Linguagens do corpo: dimensões expressivas e possibilidades educativas da ginástica e da dança. Pro-Posições, v. 19, n. 3, p. 195-207, 2008.
30. Montenegro, E.L.L. ; Retondar, Jeferson; Montenegro, Patrícia Ayres. Imaginário e Representações sociais: corpo, Educação física, cultura e sociedade. UFAL, 2007.
31. Gonçalves, M.A.S. Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação. Papyrus Editora, 1994.
32. Carbinatto, M.V.; Bortoleto, M.A.C. Ginástica para Todos: Princípios para a prática. Silva, JWP; Gonçalves-silva, LL; Moreira, Wagner Wey. Educação Física e seus diversos olhares. Mato Grosso do Sul: Ed. da UFMS, 2016.
33. Viana, D.F.W.; Mezzaroba, C. O esporte de alto rendimento faz mal à saúde? uma análise das atletas da seleção brasileira de ginástica rítmica. Motrivivência, n. 41, p. 190-205, 2013.
34. Schiavon, L.M. et al. O projeto crescendo com a ginástica: uma possibilidade na escola. 2003.
35. Menegaldo, F.R.; Bortoleto, M.A.C. O ensino da ginástica rítmica: em busca de novas estratégias pedagógicas. Motrivivência, v. 29, n. 52, p. 305-318, 2017.
36. Carbinatto, M.V. A atuação do docente de ginástica nos cursos de licenciatura em educação física. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
37. Souza, E.P.M. de et al. Ginástica geral: uma área do conhecimento da educação física. 1997.

38. Toledo, E.; Tsukamoto, M.H.C.; Carbinatto, M.V. Fundamentos da ginástica para todos. NUNOMURA, M. Fundamentos das ginásticas. 2ª ed. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2016.
39. Aleixo, I.M.S.; Mesquita, I. Impacto de diferentes estratégias de ensino no desenvolvimento do conhecimento declarativo de iniciantes na ginástica artística. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 38, n. 4, p. 349-357, 2016.
40. Gomes, A.P. Rego, S.. Paulo Freire: contribuindo para pensar mudanças de estratégias no ensino de medicina. *Rev. bras. educ. méd*, v. 38, n. 3, p. 299-307, 2014.
41. Ayoub, E. Ginástica geral e educação física escolar. Editora Unicamp, 2003.
42. Kinchin, I.M.; Lygo-Baker, S.; Hay, D. B. Universities as centres of non-learning. *Studies in Higher Education*, v. 33, n. 1, p. 89-103, 2008.
43. Kinchin, I. M.; Hay, D. B.; Adams, A. How a qualitative approach to concept map analysis can be used to aid learning by illustrating patterns of conceptual development. *Educational research*, v. 42, n. 1, p. 43-57, 2000.
44. Freire, P. *Pedagogia do oprimido*. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

**ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL CIGNUS: RELAÇÕES FUNDAMENTAIS
ENTRE A GINÁSTICA PARA TODOS E OUTRAS INSTITUIÇÕES
CIGNUS NON-GOVERNMENT ORGANIZATION: KEY RELATIONS BETWEEN
GYMNASTICS FOR ALL AND OTHER INSTITUTIONS**

Thais Aguiar Rufino¹, Elizete Silva Rezende Correia²

1-Universidade Federal de Goiás

2 - Universidade Estadual de Goiás - ESEFFEGO

E-mail: coreografathaisaguiar@gmail.com

RESUMO

A promoção da Ginástica para Todos (GPT) no Brasil e no mundo pode ocorrer de diferentes formas. Em Goiás, um dos grupos de GPT referência na região, se organizou em duas frentes: uma governamental vinculada a Universidade enquanto projeto de extensão e outra não governamental, a partir da criação de uma OnG. O presente estudo tem como objetivo identificar e analisar a estrutura organizacional de uma ONG na região central do Brasil e suas relações com outras instituições. Para tanto, foi realizado uma pesquisa documental, tendo como fonte documentos oficiais tais como atas de assembleias, estatutos, termos de cooperação, entre outros. Concluímos que, a organização de uma ONG possibilita de forma mais ágil a vinculação com outras instituições, a busca por captação de novos recursos, assim como a movimentação financeira do grupo.

Palavras-chave: Organização Não Governamental; Institucionalização; Termos de cooperação, Ginástica para Todos; Esporte; Cultura.

ABSTRACT

The Gymnastics for All (GPT) promotion in Brazil and worldwide can happen in different ways. In Goiás, one reference in GFA groups in the region was organized on two fronts: a governmental linked to the University as an extension project and another non-governmental, from the NGO creation. This study aims to identify and analyze the organizational structure of a NGO in central Brazil and its relations with other institutions. For this, a documentary researches was carried out, having as official sources documents such as assemblies minutes, statutes, cooperation terms, among others. We conclude that the NGO organization makes it easier to link with others institutions, the search for new fundraising, as well as the group financial movement.

Keywords: Non Governmental Organization; Institutionalization; Cooperation Terms, Gymnastics for All; Sport; Culture.

INTRODUÇÃO

A Ginástica para Todos (GPT) no Brasil, tem sido desenvolvida com maior intensidade por meio das Universidades públicas do país¹, esse espaço tem se constituído como um importante espaço de formação e difusão dessa prática. Em Goiás, desde o ano de 2010 há registro de um grupo ginástico, vinculado à Universidade Estadual de Goiás enquanto projeto de extensão: o projeto Cignus².

O Projeto Cignus, segundo Oliveira et al² desde 2010 desenvolve ações que visam difundir a prática e participação da GPT. Essas ações vão desde a proposição e/ou participação em cursos de capacitação à participação em eventos nacionais e internacionais, como congressos e festivais. Vinculados à Universidade, as autoras relatam que participaram da Gymnaestrada Mundial em 2015 em Helsinque na Finlândia e, de diversos fóruns de GPT na cidade de Campinas-SP, assim como em outros festivais. Entretanto, ponderam que, as maiores dificuldades pautavam-se na questão dos financiamentos e entraves institucionais para novas parcerias, uma vez que, na Universidade pública não havia recursos financeiros destinados especificamente para tal projeto.

Desse modo, o grupo se organizou a partir de 28 de novembro de 2017 como instituição jurídica, não governamental, sem fins lucrativos e com objetivo de expandir a proposta da GPT em Goiás³.

Nessa perspectiva, tomamos como objeto de estudo a Organização Não Governamental Cignus, suas ações e suas relações institucionais com outras instituições, tais como a International Sport and culture Association (ISCA) e as contribuições para essa nova proposição.

Justificamos a necessidade dessa pesquisa, uma vez que, há poucos trabalhos que abordam as relações entre a GPT e a institucionalização em diferentes âmbitos, em especial, como uma organização governamental, o que pode vir a contribuir para que outros grupos em diferentes Estados brasileiros, possam utilizar esse trabalho como referência e, a partir de suas realidades possam se organizar institucionalmente.

Para tanto, utilizamos como método a pesquisa documental, utilizando com fonte o estatuto da Organização Não Governamental Cignus; as atas das assembleias; os registros feitos junto ao cartório e à contabilidade.

O objetivo deste é exemplificar como uma organização social não governamental pode contribuir com o esporte para todos, com o foco na ginástica, de modo que esteja

inserida em uma comunidade já concretizada de associações e instituições engajadas na mesma causa.

O PERCURSO METODOLÓGICO

Esse trabalho constitui-se como uma pesquisa documental, que se vale de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser re-elaborados de acordo com os objetos da pesquisa. Conforme Sá-Silva, Almeida e Guindani⁵ “O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado (...) porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural” a partir dessa compreensão recorreremos a pesquisa documental que “recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja as fontes primárias (idem, p.6) ⁴.

Utilizamos, portanto, como base para essa pesquisa, a ata de constituição do Cignus como organização não governamental, o estatuto social, os documentos registrados junto ao cartório de registros em Goiânia, as atas das Assembleias realizadas pela ONG e os relatórios entregues pelos bolsistas internacionais a direção da ONG.

OS DESAFIOS DE UMA NOVA INSTITUCIONALIZAÇÃO: OS PRIMEIROS PASSOS

Entre os anos de 2010 e 2017, a organização do Grupo Cignus estava estritamente ligada a Universidade Estadual de Goiás, via projeto de extensão⁵. Nesse período, sempre teve uma atuação intensa e grande participação em eventos nacionais e internacionais. Os relatórios desde o projeto protocolado em 2010⁵ apontam que a maior dificuldade do projeto se pautava na organização financeira e na possibilidade de outras vinculações e relações institucionais.

Desse modo, para que conseguissem organizar com mais autonomia as práticas e participações em eventos nacionais e internacionais, assim como difundirem de outras formas a GPT em Goiás, realizaram no dia 27 de novembro de 2017, a assembleia de constituição da Organização Não Governamental Cignus. Na explicação relatada em ata, encontramos que a fundamentação para a criação da mesma pautava-se na

[...] necessidade de se constituir uma Organização não Governamental (ONG) capaz de aglutinar forças para a expansão do GPT (Ginástica para Todos), assim como todas as modalidades de Ginástica, do Esporte, de toda e qualquer manifestação cultural, artística e social em Goiás e no Brasil, e representar as aspirações dos presentes junto ao Poder Público e à iniciativa privada (p.1). ⁶

Sua constituição central, tem como viés central a proposição de uma associação civil, sem fins lucrativos, sem distinção de raça, gênero, sexo, sexualidade, afeição

religiosa e/ou partidária. Visa a promoção humana e social e tem como função “o atendimento a sociedade promovendo a cultura corporal de movimento, através de manifestações culturais, artísticas, esportivas, sociais, tendo como perspectiva engrandecer a cultura local”⁶.

A descrição do grupo encontrada em seu estatuto³ mostra como seus objetivos são diretamente ligados ao conceito de ONG: “O termo ONG – *Organização Não-Governamental* é um termo genérico que faz referência às entidades da sociedade civil que: não possuam fins lucrativos, tenham iniciativa social e sejam de natureza privada”⁷, os quais buscam indivíduos interessados em uma causa pela qual devem buscar melhores resultados e recursos para um bom desenvolvimento das atividades com as quais estão envolvidos.

Os passos que o grupo Cignus percorreu para tornar-se um associação civil sem fins lucrativos foi: 1) funcionamento do grupo como projeto de extensão vinculado a organização governamental; 2) em virtude das dificuldades de organização financeira e novos vínculos institucionais, os envolvidos se reuniram, realizaram uma assembleia de constituição, definiram cargos e funções (diretor presidente, vice, tesoureiros, conselho fiscal e associados); 3) registraram em cartório as atas de fundação e estatuto social; 4) legalizaram em nível municipal, estadual e federal a instituição cadastrando CNPJ; registro do certificado digital; além de toda documentação solicitada pela prefeitura municipal.

Após sua constituição como associação civil, a mesma realizou as seguintes cooperações:

- Se federou a Federação Goiana de Ginástica (FGG), tendo quitado sua anuidade e valores por ginasta nos anos de 2018 e 2019;
- Vinculou-se a International Sport and culture Association – ISCA, participando da rede em prol do Esporte para Todos no Mundo.
- Abertura de conta no Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (SICOOB), o que melhorou as condições para a captação de recursos e movimentação financeira do grupo.
- Prestação de contas financeiras via contador, para associados e para a Receita Federal – imposto de renda.

Algumas das ações acima descritas reverberaram em outras ações, tais como:

- A participação do grupo em eventos oficiais da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), uma vez que o mesmo encontra-se federado a FGG.
- O vínculo a ISCA oportunizou a participação de membros associados à ONG em intercâmbios internacionais na Dinamarca, sendo que, os participantes

recebiam uma bolsa parcial para a realização de intercâmbio no período de 6 a 9 meses, ou na escola de Viborg ou na Escola de Ollerup.

- A possibilidade de inserção de projetos e pedidos de emendas parlamentares junto a Assembleia Legislativa, em nível Estadual, com fins de captação de recurso para manutenção das ações, oferecimento de cursos e eventos.

A POSSIBILIDADE DO INTERCÂMBIO: O RELATO DE UM MEMBRO ASSOCIADO

O grupo Cignus proporciona em parceria com a ISCA, desde janeiro de 2017, a possibilidade de um intercâmbio realizado na Dinamarca. Uma bolsa parcial é cedida aos grupos membros da ISCA, os interessados se inscrevem para uma seletiva e podem ter a oportunidade de um curso de quatro, cinco ou nove meses com as despesas de hospedagem e alimentação pagas pela associação.

Desde o início da parceria três membros do Cignus estiveram em duas diferentes escolas nas cidades de Ollerup e Viborg, participando de estudos voltados para a ginástica, a dança e o movimento. A partir de um relato apresentado pela última intercambista do grupo em setembro de 2019 (CIGNUS, 2019) foi possível compreender que as escolas proporcionam esta oportunidade a estudantes internacionais de vivenciar seus métodos de ensino em uma *højskolen* (uma modalidade educacional em nível médio de origem filosófica dinamarquesa). As *højskolen* tem o intuito de desenvolver o sentimento de comunidade nos jovens dinamarqueses, assim como, no caso específico de Ollerup, a convivência com estudantes internacionais de diferentes partes do mundo.

O relato a ser apresentado se refere ao período de 06 de janeiro a 23 de junho de 2019, quando um dos membros do grupo vivenciou a linha de dança na *Gymnastik Højskolen Ollerup* (Escola de Ginástica de Ollerup). Dentro do período informado, foram realizadas atividades de prática em dança, entre eles a produção e a circulação de um espetáculo que circulou pela Dinamarca em um período de uma semana, desenvolvimento e organização de projetos, estudo linguístico em dinamarquês básico, estudos interculturais, liderança, desafios *outdoor*, participação e organização em eventos de ginástica, viagem de estudos para a Noruega para a prática de esqui e/ou *snowboard*, entre outros.

Entre os eventos organizados, houve um em que os estudantes de intercâmbio foram os responsáveis pela realização o *International Day* (Dia Internacional). Neste dia todos os estudantes de fora deveriam organizar uma forma de mostrar um pouco de sua cultura aos estudantes nórdicos, vindos de toda a Escandinávia: Dinamarca, Noruega, Islândia e Suécia. Para isso foram organizados então diferentes Workshops, stands, cada

país selecionou uma música em sua língua para que todos cantassem junto e pudessem também perceber a infinidade de culturas em um só lugar e fugir de estereótipos.

Além da viagem para a Noruega foi também proporcionada uma viagem à primeira cidade dinamarquesa, onde possui uma pedra histórica de quando a Dinamarca foi encontrada e tomada na era *viking*, e em contraste à viagem histórica uma viagem à *Legoland*, o parque temático de Lego. Todos os semestres são proporcionadas bolsas como essas às organizações que são membros da ISCA. Há uma seleção inicial e uma avaliação a ser realizada após o término do curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo Cignus está hoje vinculado a outras instituições que organizam e desenvolvem projetos voltados para a ginástica e o esporte para todos. Desenvolver atividades esportivas no âmbito para todos no Brasil é um desafio pois não há muito incentivo por parte do governo e as empresas que podem investir possuem algumas restrições, como o fato de o cunho não competitivo desta modalidade não atrair devido a não trazer prêmios e títulos às empresas.

Apesar das questões apresentadas acima, é vista como uma vantagem a organização do grupo enquanto ONG, pois dessa forma foi possível a divisão de tarefas e responsabilidades entre os membros do mesmo, maior organização financeira e também as possibilidades que surgiram a partir deste fato como o intercâmbio na área da ginástica e do esporte para todos. Além de através desse título oportunizar a participação em editais de incentivo, possibilidades de retorno para possíveis patrocinadores e uma forma de comprovação de credibilidade. Hoje o Cignus é um grupo nacionalmente reconhecido dentro da área da GPT, devido a todo o seu envolvimento com o esporte para todos, os eventos que organiza e participa, apresentações nacionais e internacionais assim como cresce a cada dia dentro de sua própria comunidade de integrantes que a cada dia se encontram mais presentes e ativos tanto de forma prática como acadêmica.

As dificuldades são grandes, porém a partir do título e registro de um estatuto que regimenta as atividades a serem promovidas pelo e para o grupo percebe-se que as condições que o coletivo possui hoje de incentivar o esporte para todos é muito maior, a partir da organização de eventos locais, participação em eventos nacionais e internacionais, principalmente perante seus integrantes que conseguem ter vivências antes não alcançáveis e futuramente ainda mais próximo de serem realizadas.

REFERÊNCIAS

1. Toledo, Eliana de. O Papel Da Universidade No Desenvolvimento Da Ginástica Geral No Brasil. In: Anais [do] III Fórum Internacional de Ginástica Geral / Eliana Ayoub, Elizabeth Paoliello Machado de Souza.-- Campinas: SESC: UNICAMP/FEF, 2005.
2. Oliveira, M.F; Gomes, L. C. N.; Vianey, N. L.; Braga, T.T.M. Construindo uma Ginástica para Todos em Goiás: a proposta do grupo universitário Cignus. In: Oliveira, M. F; Toledo, E. Ginástica para Todos – possibilidades de formação e intervenção. Editora UEG, Anápolis, 2016.
3. Cignus. Estatuto Social Da Organização Não Governamental – Cignus. 28 de novembro de 2017.
4. Sá-Silva, J. R.; Almeida, C. D.; Guindani, J. F.. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I - Número I - Julho de 2009
5. UEG. Projeto Cignus. Projeto de Extensão – plataforma Pegasus. 2010.
6. Cignus. Ata Da Assembleia Geral Para Fundação Da Organização Não Governamental – Cignus. Sem número. 28 de novembro de 2017.
7. Santini, M. A. Aspectos jurídicos para a criação de uma ONG – Organização Não-Governamental. Jus Brasil. 2017 Disponível em: <https://marinasantini.jusbrasil.com.br/artigos/467515156/aspectos-juridicos-para-a-criacao-de-uma-ong-organizacao-nao-governamental> Acesso em 14 de outubro de 2019.
8. Cignus. Relatório de intercâmbio de Thaís Aguiar entregue para a ONG em 01 de setembro de 2019.

REVERBERAÇÕES DA GPT EM GOIÁS: O CASO DO GRUPO CIGNUS GPT REVERBERATIONS IN GOIÁS: THE CIGNUS GROUP CASE

Michelle Ferreira de Oliveira¹, Lídia Acyole de Souza¹, Eliana de Toledo²

1. Universidade Estadual de Goiás – Campus ESEFFEGO

2. Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA), UNICAMP

E-mail: michelle.oliveira@ueg.br

RESUMO

O Brasil, devido à sua extensão territorial, apresenta diferenças culturais e sociais em suas regiões e estados, cada uma, com suas particularidades no desenvolvimento da ginástica. O objetivo desse estudo é identificar os desafios para a implementação da GPT no estado de Goiás, trazendo apontamentos para soluções a partir de um projeto de extensão universitário. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com perfil de estudo de caso, do tipo documental, cuja fonte envolveu documentos oficiais protocolados em órgãos institucionais da Universidade Estadual de Goiás (UEG), o Projeto Político Pedagógico Curricular de um Curso de Licenciatura em Educação Física e o acervo institucional do Grupo Cignus. Identificou-se que o Grupo Cignus está vinculado à UEG desde o ano de 2010 cadastrado junto à Pró Reitoria de Extensão da Instituição, desenvolvendo diversas ações voltadas à GPT em Goiás, proporcionando vivências para diferentes grupos populacionais, de crianças até idosos, bem como organização de festivais e apresentações em congressos mundiais. Atualmente o Grupo é registrado também como Organização Não Governamental e federalizado na Federação Goiana de Ginástica, mantendo-se atualmente por meio de Gestão compartilhada, garantindo assim sua proposição democrática e com base nas relações humanas. Amplamente, concluiu-se que um projeto de extensão universitário pode colaborar em diferentes contextos sociais para a promoção da GPT num estado ou região na qual esta prática é incipiente. Uma proposta, portanto, que pode ser implementada em clubes, escolas e associações, não somente em Universidades, para a colaboração da disseminação e legitimação de uma nova modalidade gímnica ou esportiva.

Palavras-chave: Ginástica para Todos; Formação profissional; Ginástica brasileira; Desafios.

ABSTRACT

Due to its territorial extension, Brazil presents cultural and social differences in its regions and states, each one with its particularities in the development of gymnastics. The

objective of this study is to identify the challenges for the implementation of GFA in the state of Goiás, bringing notes for solutions from a university extension project. This is a qualitative research, with case study profile, documentary type, whose source involved official documents filed in institutional bodies of the State University of Goiás (UEG), the Curriculum Pedagogical Political Project of a Degree Course in Physical Education and the institutional acquis of the Cignus Group. It was identified that the Cignus Group is linked to UEG since 2010 registered with the Institution's Dean of Extension, developing various actions aimed at GFA in Goiás, providing experiences for different population groups, from children to the elderly, as well as organization of festivals and presentations at world congresses. Currently the Group is also registered as a Non-Governmental Organization and federalized in the Goiana Gymnastics Federation, currently maintaining through shared management, thus ensuring its democratic proposition and based on human relations. It has been broadly concluded that a university extension project can collaborate in different social contexts to promote GFA in a state or region where this practice is incipient. A proposal, therefore, that can be implemented in clubs, schools and associations, not only in universities, for the collaboration of the dissemination and legitimation of a new sport or gymnastics modality.

Keywords: Gymnastics for All; Professional qualification; Brazilian gymnastics; Challenges.

INTRODUÇÃO

O Brasil está dividido em 26 unidades federativas classificadas como "Estados", mais o Distrito Federal, e, quando agrupados por análise geográfica, constituem as 5 regiões do país: Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-oeste. A dimensão continental do Brasil nos permite vislumbrar a riqueza cultural do país, as diferenças climáticas, as diferenças sociais e também as diferenças no que diz respeito a educação no país¹.

As diferenças acima apresentadas nos permitem também vislumbrar que, por suas características culturais e históricas, cada estado dessa região possui uma trajetória única na promoção do esporte, da ginástica e, portanto, na consolidação da Ginástica para Todos (GPT). Uma prática que tem sua trajetória marcada no Brasil pela participação de Ilona Peuker na primeira World Gymanestrada (WG), em 1953, em Amsterdam, como convidada; e em 1957, com a participação do seu grupo, em Zagreb, na segunda WG².³ Mas, que se fortalece a partir da década de 1980, com a criação do Comitê de Ginástica Geral na Confederação Brasileira de Ginástica²; e na década seguinte com iniciativas da Faculdade de Educação Física da Unicamp, como a consolidação do Grupo Ginástico Unicamp⁴, a organização de eventos científicos, a criação de um grupo de pesquisa e suas produções etc.

E é a partir do desenvolvimento dessa trajetória que apresentamos o conceito de GPT, doravante denominada de ginástica geral (GG), que temos como ponto de partida teórico desta pesquisa:

[...] uma manifestação da cultura corporal que reúne as diferentes interpretações da ginástica (natural, construída, artística, rítmica desportiva, aeróbica etc.) integrando-as com outras formas de expressão corporal (dança, folclore, jogos, teatro, mímica, etc.), de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes.⁴

A partir desse marco referencial, entendemos que, a GPT no Brasil, vai além da condição de ser apenas uma modalidade gímnica, trata-se de uma proposta democrática^{4,5}, criativa, lúdica, que acolhe desde o sujeito que não teve vivências práticas na ginástica à aqueles que o puderam ter⁵; que realiza diálogos interdisciplinares⁶; que potencializa coletividades^{7, 8}; que tem sua base nos fundamentos da ginástica⁹ e, ao mesmo tempo uma ação pedagógica humana^{8,9}.

Assim, o objetivo desse estudo é identificar os desafios para a implementação da GPT no estado de Goiás, trazendo apontamentos para soluções a partir de um projeto de extensão universitário.

Essa pesquisa justifica-se à medida que, identificando os desafios para a implementação e legitimação da GPT num estado brasileiro no qual esta prática era pouquíssimo presente (o estado de Goiás), possamos não somente colaborar com a inversão desse processo neste estado, mas, sobretudo, pode trazer apontamentos para soluções similares em outros estados brasileiros com um cenário parecido. E justifica-se ainda por colaborar na compreensão da Ginástica em diferentes dimensões e sua prática nas díspares regiões brasileiras.

METODOLOGIA

O caminho trilhado nessa pesquisa, possui um viés qualitativo e pretende investigar como a proposição e manutenção de um Grupo Ginástico no Estado de Goiás, tem contribuído para a difusão da GPT nessa região. É uma pesquisa que se caracteriza como um estudo de caso, sendo que “[...] é especialmente pertinente quando se trata de tentar responder a problemas ou perguntas que se formatam em “comos” e/ou “porquês” e se interessam por acontecimentos contemporâneos dos quais obtemos poucas informações sistematizadas”¹⁰.

Compreendendo que a GPT ainda é um tema pouco explorado na região central do Brasil e, desse modo, encontramos poucas pesquisas e publicações sobre a mesma nesse contexto, entendemos ainda que o estudo de caso possa ser uma escolha

acertada. Para tanto, utilizaremos a pesquisa documental que é caracterizada pela busca de informações em diferentes fontes como “documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação”¹¹.

Os acervos consultados para a pesquisa foram: acervo do Grupo Cignus; os documentos oficiais protocolados junto a Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Estadual de Goiás, na plataforma Pegasus; os Projetos Pedagógicos Curriculares do Curso de Licenciatura em Educação Física do curso da ESEFEGO.

O período determinado para a realização da pesquisa foi de 2009 a 2019, compreendendo um decênio de pesquisas e, por ter como registro a criação do grupo no ano de 2010¹².

A PROPOSIÇÃO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO: O MARCO INICIAL

O projeto Cignus foi registrado como projeto de extensão junto a PrE UEG no ano de 2010¹². A inspiração inicial para essa proposição ocorreu a partir da participação de um grupo de acadêmicos e a docente responsável pela disciplina de Ginástica I, do Campus ESEFFEGO da UEG, num evento internacional denominado *Fórum Internacional de Ginástica Geral (FIGG)*¹³, nesse mesmo ano de 2010¹³.

De acordo com os documentos, a ordem cronológica para tal acontecimento se deu em virtude de constar na Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física¹⁴, a proposição de *Ginástica Geral* na ementa da disciplina de Fundamentos da Ginástica I. Esse fato, impulsionou o deslocamento de um grupo para participação do Fórum que tinha como objetivo central a temática.

O FIGG, que teve sua primeira edição em 2001, é realizado por meio de uma parceria entre a Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/UNICAMP) e o SESC Campinas¹³. Desde então, foram realizadas 9 edições (2001, 2003, 2005, 2007, 2010, 2012, 2014, 2016 e 2018), com duas transformações de destaque: adoção do termo ginástica para todos a partir da edição de 2016; e a inclusão da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA-UNICAMP) como co-realizadora. Ao longo desta trajetória modificou também algumas de suas sessões, mas o evento sempre esteve alicerçado em três pilares: pedagógico (cursos); científico (pôsteres e mesas); artístico (festivals e mostras).

Foi durante o período destinado aos festivals que o grupo de acadêmicos que havia se deslocado de Goiás para o evento teve seu primeiro contato com o Grupo Ginástico da Unicamp (GGU) e, ao retornarem da viagem, decidiram pela criação do próprio grupo, tendo como referencial teórico as propostas publicadas por essa

instituição (do Grupo Ginástico Unicamp) ^{8,14}, uma perspectiva conceitual que inclusive foi recentemente ressignificada⁸, mas mantendo a valorização da coletividade e da formação humana.

Os registros documentais junto à PrE-UEG evidenciam que o projeto Cignus foi cadastrado anualmente entre o período de 2010 e 2019⁹, identificado, desde seu início, como um grupo de GG, e mais adiante como de GPT.

A REVERBERAÇÃO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO EM GOIÁS

A existência do projeto de extensão Cignus, reverberou e culminou em outras ações voltadas à Ginástica para Todos em Goiás, assim como em outras formas de institucionalização da Ginástica nesse Estado. Abaixo destacamos diferentes ações encontradas:

1. A realização de um evento que, a priori, tinha como proposta a propagação da GPT por meio dos festivais. A partir do ano de 2010, teve início a realização e proposição do *Festival de Ginástica Geral* na cidade de Goiânia. Em princípio esse evento tinha como objetivo apenas o momento dos festivais, nos quais se reuniam os grupos para apresentação das coreografias elaboradas. Houve várias edições e que foram, ao longo dos anos se transformando: de festival a congresso, em virtude da necessidade de aprofundamento teórico acerca do conceito de Ginástica para Todos^{4, 5, 8}, assumindo um formato semelhante ao do FIGTP¹³, onde há realização de palestras, momentos científicos, festivais e cursos.

2. A proposição de novos projetos de extensão, como *Grupo Cignus UEG na Finlândia*¹⁶, *Ginástica para Todos com Idosos na UEG - Cignus Unati*¹⁷, *Ginástica para Todos na Infância*¹⁸, *Ginástica para todos com os servidores, professores e comunidade*¹⁹, entre outros projetos que não faziam menção diretamente a GPT.

3. A necessidade de uma nova formatação do Grupo Cignus, para além de ser um projeto de extensão da Universidade, com fins, especialmente, para captação de recurso, estimulando o registro de uma Organização Não Governamental, também denominada Cignus. Esse movimento se deu, na medida em que era necessária uma conta bancária e movimentação financeira para as viagens do grupo, além de busca de outras formas de financiamento em editais públicos²⁰.

4. A necessidade de federalização dos grupos de GPT: a partir de sua organização não governamental e, portanto, ser uma instituição jurídica com CNPJ desde de 31 de janeiro de 2018²¹, se federou no mesmo ano à Federação Goiânia de Ginástica, pois, deste modo, poderia ter maior força política, concretizar a existência de

um comitê de GPT na Federação do estado, e influenciar outros grupos a seguirem esse movimento

5. A publicação de um livro pela Editora UEG “Ginástica para Todos: possibilidades de formação e intervenção” em 2016, coordenado pelas professoras Michelle Ferreira de Oliveira e Eliana de Toledo, sendo uma importante referência local (estado de Goiás) e nacional²².

A partir destes 5 pontos elencados anteriormente, identificamos a diversidade de ações do Grupo Cignus, e como elas tiveram potencial para impactar a GPT no estado de Goiás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nesta pesquisa, identificamos que a proposição de projetos de extensão via Universidades públicas, têm sido um importante instrumento para a difusão e propagação de propostas corporais e científicas, conforme já perspectivado por Toledo²³ e Batista²⁴.

A partir da proposição e criação de um projeto específico, no caso, o Projeto Cignus, outras ações foram sendo estabelecidas e propostas em diferentes vertentes, com destaque para a organização de um festival que se transformou num Congresso, que em 2019 está em sua 7^ª. Edição, colaborando sobremaneira para a formação inicial e continuada de alunos e professores do Estado e de outros do país.

Por meio da ação deste grupo, a produção de pesquisa (em resumos, artigos e livro), mostrou-se como possível num estado que pouco tinha a difusão da ginástica, sobretudo da ginástica para todos, seja no campo prático como no campo da pesquisa. O que também se fortaleceu com a inclusão efetiva da GG como um conteúdo curricular, pela docente, também coordenadora do grupo.

A organização em duas frentes (governamental e não governamental) possibilitou a continuidade do projeto em diferentes âmbitos e, inclusive, com potencial para a maior captação de recursos, que, por conseguinte, está ampliando a quantidade, a qualidade e a abrangência de outras ações no Estado, na região Centro-oeste, em outras regiões, e até internacionalmente.

Considerando os caminhos institucionais trilhados pelo grupo, observamos que, a consolidação de um viés não governamental possibilitou ações como a constituição de um CNPJ, a abertura de uma conta bancária em nome do grupo e, a vinculação federativa do grupo com a Federação Goiana de Ginástica; o que oportunamente seriam ações mais complexas se fossem feitas via Universidade.

Manter-se como projeto vinculado a Universidade também se mostra de grande valia, uma vez que, o mesmo continua oportunizando as relações entre ensino, pesquisa e extensão; viabiliza atendimento gratuito à comunidade acadêmica e também constitui em um importante espaço científico para a construção do conhecimento.

Ademais, concluímos que, ainda há várias ações a serem implementadas em Goiás e na região central para que a GPT possa ser difundida e democratizada, tais como: melhor organização federativa, expansão dos diálogos entre as universidades de cada estado, a expansão das relações com outros estados por meio de suas universidades que já possuem a modalidade consolidada em seu currículo, a especialização em treinamento em GPT, a formação de grupos de GPT envolvidos em intervenção social e a realização de estudos e pesquisas em ginástica nessa região. Metas estas que podem contar com a ação direta e/ou indireta deste grupo, seja como proponente principal, seja como parceiro institucional.

REFERÊNCIAS

1. Fernandes, C.M. Desigualdade de rendimentos e educação no Brasil: alguns indicadores de diferenças regionais. *Econômica*. 2001 dez/2001;3:231-250.
2. Bernardes, G. Revivendo meu encontro com a Ginástica Rítmica. In: Paoliello, E.; Toledo, E. (Org.). Possibilidades da Ginástica Rítmica. Barueri: Phorte, 2010.
3. Santos, J.C.E; Santos, N. História da Ginástica Geral no Brasil. Jundiá: Fontoura, 1999.
4. Souza, E.P.M; Gallardo, J.S.P. Ginástica Geral: duas visões de um fenômeno. In: Ayoub, E.; Souza, E.P.M.; Gallardo, J.S.P (orgs.). Coletânea: Textos e sínteses do I e II Encontros de Ginástica Geral. Campinas, Gráfica Central - Unicamp, 1997, pp.33-36.
5. Oliveira, M.F.; Gomes, L.C.N; Vianey, N. L; Braga, T.T.M. Construindo uma Ginástica para Todos em Goiás: a proposta do grupo universitário Cignus. In: Oliveira, M.F.; Toledo, E. Ginástica para Todos – possibilidades de formação e intervenção. Editora UEG, Anápolis, 2016.
6. Lopes, P.; Leal, J.; Valiengo, A.; Gonçalves, E.; Gomes, N.; Pessoa, T. Ginástica para Todos e literatura: realidade, possibilidade e criação. In: Conexões: Educação Física, Esporte E Saúde, 13(Esp.), 144-163.
7. Sarôa, G. R., & Ayoub, E. (2018). A constituição e o processo coletivo de criação do Grupo Ginástico Unicamp pelas vozes de seus coordenadores. In: Conexões: Educação Física, Esporte E Saúde, 16(4), 414-432.

8. Graner, L.; Paoliello, E.; Bortoleto, M. A. C. Grupo Ginástico Unicamp – potencializando as relações humanas. In: Bortoleto, M.A.C.; Paoliello, E.. Ginástica para todos: um encontro com a coletividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.
9. Oliveira, M. F. de, Gomes, L. C. do N., de Souza, L. A., Vianey, N. L., & Iwamoto, T. C. (2017). Entre a técnica e ação pedagógica em GPT. In: Conexões: Educação Física, Esporte E Saúde, 15(4), 465-485.
10. Molina, R. M. K. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: Molina Neto, V., Triviños, A. N. S. A pesquisa qualitativa na Educação Física – alternativas metodológicas. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.
11. Oliveira, M. M. Como fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis, Vozes, 2007.
12. UEG, Projeto Cignus. Projeto de Extensão – plataforma Pegasus. 2010.
13. FIGPT. Fórum Internacional de Ginástica para Todos. In: Histórico do Fórum Internacional de Ginástica para Todos. Disponível em: <http://www.forumgpt.com/2018/sobre>, pesquisado em 12 de fevereiro de 2019.
14. PPC. Projeto Pedagógico Curricular do Curso de Licenciatura em Educação Física. Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária ESEFFEGO, 2007.
15. PRE. Ações de Extensão – Pesquisa projetos. Plataforma Pegasus. Universidade Estadual de Goiás. Disponível em: <https://www.adms.ueg.br/extensao/acao/pesquisa>. Consulta realizada em 03 de maio de 2019.
16. PRE. Grupo Cignus UEG na Finlândia, executado em 2014. Plataforma Pegasus. Universidade Estadual de Goiás. Disponível em: <https://www.adms.ueg.br/extensao/acao/pesquisa>. Consulta realizada em 03 de maio de 2019.
17. PRE. Ginástica para todos com idosos na UEG – CIGNUS UNATI, executado em 2015. Plataforma Pegasus. Universidade Estadual de Goiás. Disponível em: <https://www.adms.ueg.br/extensao/acao/pesquisa>. Consulta realizada em 03 de maio de 2019.
18. PRE. Ginástica para Todos na Infância, executado em 2015. Plataforma Pegasus. Universidade Estadual de Goiás. Disponível em: <https://www.adms.ueg.br/extensao/acao/pesquisa>. Consulta realizada em 03 de maio de 2019.
19. PRE. Ginástica para Todos com servidores, professores e comunidade, executado em 2017. Plataforma Pegasus. Universidade Estadual de Goiás. Disponível em: <https://www.adms.ueg.br/extensao/acao/pesquisa>. Consulta realizada em 03 de maio de 2019.

20. Cignus. Estatuto Social Da Organização Não Governamental – Cignus. 28 de novembro de 2017.
21. Brasil. República Federativa Do Brasil - Cadastro Nacional Da Pessoa Jurídica. Comprovante de Inscrição e de situação cadastral CNPJ: 29.720.544/0001-00 – Organização Não Governamental Cignus. Aprovado pela Instrução Normativa RFB nº 1.863, de 27 de dezembro de 2018. Emitido em 01/02/2019 as 09:26:25 (data e hora de Brasília).
22. Oliveira, M.F.; Toledo, E. Ginástica para Todos: possibilidades de formação e intervenção. Editora UEG: Anápolis, 2016.
23. Toledo, E. O papel da universidade no desenvolvimento da Ginástica Geral no Brasil. In: III Fórum Internacional de Ginástica Geral, 2005. Anais do III Fórum Internacional de Ginástica Geral, 2005.
24. Batista, M. S. Extensão universitária: análise dos Grupos de Ginástica Para Todos. 2019. Dissertação (Mestrado em Curso de Pós-Graduação em Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte da USP.